

LACRE

Literatura, arte, cultura & records

ANOVI-Ed.113-1ª quinzena de Setembro de 2026

FIL - FESTIVAL INTERNACIONAL INTERCÂMBIO DE LINGUAGENS 2026

A Poética dos Imaginários leva ao CCBB espetáculos premiados, marionetes, artes digitais, música, cinema, ópera, circo e experiências imersivas de 17 a 27 de setembro

PADRE JÚLIO LANCELLOTTI GANHA EXPOSIÇÃO EM HOMENAGEM A SUA TRAJETÓRIA

Leia mais na página 11





Lavra Talks, seminário gratuito na Biblioteca Mário de Andrade, no Centro de São Paulo, em 26 de setembro, coloca em debate financiamento, critérios das instituições, parcerias com marcas e trajetórias reais de artistas;

Quem financia a arte? Como uma instituição escolhe um artista? O que uma marca espera de uma parceria e onde termina a autoria? Perguntas como essas circulam todos os dias entre ateliês, galerias e museus, mas raramente são respondidas em público. É para colocá-las na mesa que a Aborda, agência de arte contemporânea de São Paulo, realiza no dia 26 de setembro o **Lavra – Quando arte e mercado dialogam**, na Biblioteca Mário de Andrade. O encontro é gratuito, aberto ao público e ocupa um dia inteiro, das 9h às 17h, com happy hour de encerramento.

O Lavra Talks parte de uma premissa simples: a gestão de carreira é uma linguagem invisível que atravessa toda trajetória artística e quase nunca é discutida com a seriedade que merece. A programação reúne artistas, curadores, programadores culturais, galeristas e profissionais de marcas em quatro mesas. Todas terão mediação de Carolina Herszenhut, diretora da Aborda, que abre o dia com uma palestra sobre o trabalho invisível por trás de uma trajetória artística.

“É muito importante pautar as discussões sobre o mercado, discutir de que maneira construímos relações, como fazemos a gestão de carreiras e pensar possibilidades para além do cubo branco, em diferentes formatos para o trabalho artístico”, diz Carolina Herszenhut. “A ideia é trazer trajetórias reais de artistas que estão no mercado, discutir possibilidades com marcas, entender de que maneira os curadores pensam os convites que fazem para as instituições e, de fato, ampliar essa discussão”,

ARTISTAS, CURADORES, GALERISTAS E MARCAS DISCUTEM A SUSTENTAÇÃO DE CARREIRAS NA ARTE EM SEMINÁRIO

completa.

O debate chega em um momento de crescimento com concentração. Segundo a 7ª Pesquisa Setorial do Mercado de Arte no Brasil, realizada pela Act Arte para a ABACT e a ApexBrasil e publicada em 2025, o mercado brasileiro movimentou cerca de R\$ 2,9 bilhões em 2023, alta de 21% em um ano em que o mercado global encolheu 4%. O mesmo levantamento mostra que cada galeria representa em média 27 artistas, que os três mais vendidos respondem por metade da receita e que 82% das galerias estão em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Uma dissertação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, divulgada em agosto de 2026, chega à mesma conclusão por outro caminho: permanecer na carreira depende do acesso a editais, redes e circuitos tanto quanto da obra, e docência, curadoria e produção viram as atividades que pagam os boletos.

Programação

O dia começa pelo dinheiro. A primeira mesa, Estrutura e Recursos, pergunta quem financia a arte e quais são as possibilidades de crescimento fora do circuito tradicional. Monique Cerchiari, gestora de projetos da Tatu Cult, Bruno Baptistelli, artista e sócio da GDA, e Bruno Lellis, de relações institucionais do Museu Afro Brasil, discutem o que empresas e investidores buscam em uma parceria, como esses projetos são construídos e quais são os desafios para o artista na relação com o setor privado.

À tarde, a mesa Instituições reúne o curador Jairo Malta, do Museu das Favelas, a curadora Francela Carrera, do Instituto Artistas Latinas, e o galerista Rodrigo Mitre, da Mitre Galeria, para responder a uma pergunta que muitos artistas fazem em silêncio: como uma instituição escolhe um artista? O que pesa nessa decisão, pesquisa, trajetória, linguagem, contexto, capacidade de produção, circulação, venda? E como construir relações consistentes com esses espaços?

A terceira mesa, Arte e Mercado, trata do encontro entre artistas e marcas a partir de projetos concretos. O artista e curador

Filipe Grimaldi, Rebeca Nishioka Petrilli, gerente de marketing e comunicação da Suvnil, e a jornalista Luiza Adas, criadora do Museu do Agora, conversam sobre expectativas dos dois lados, processos de criação, limites de intervenção e os caminhos para construir projetos comerciais sem esvaziar a pesquisa e a autoria de quem cria.

O encerramento fica com Trajetórias Reais, uma mesa que troca os relatos convencionais de sucesso pelas decisões que mudaram o rumo de cada carreira: mudanças de linguagem, recusas, reposicionamentos, novos públicos, erros e recomeços. Priscila Barbosa, cuja produção transita entre a ilustração e o muralismo com projeção internacional, Aline Bispo, que navega da ilustração ao muralismo e à arte contemporânea, e Thiago Nevs, que saiu do grafite, passou pela arte contemporânea e hoje ocupa também um lugar curatorial, compartilham os bastidores de seus percursos.

“São diferentes momentos de carreira, e a gente quer mostrar como cada um foi caminhando”, explica Carolina. “Entra a relação com a curadoria, a relação com as marcas, a ilustração, o muralismo. São várias discussões que costumam ficar nos bastidores e que a gente decidiu trazer para o palco”, antecipa.

O seminário nasce da prática cotidiana da Aborda, que representa dez artistas visuais e trabalha na intersecção entre arte, cultura e sociedade, com projetos culturais, educacionais e comerciais. Dirigida por Carolina Herszenhut, a agência conta com uma equipe interna formada exclusivamente por mulheres. O espaço da Biblioteca Mário de Andrade foi cedido para a realização do encontro.

Serviço: Lavra Talks – Quando arte e mercado dialogam. Conversas sobre instituições, marcas e trajetórias / 26 de setembro de 2026 das 9h às 17h / Biblioteca Mário de Andrade – Rua da Consolação, 94, Centro, São Paulo (SP) / Entrada gratuita, aberta ao público, com cadastramento no local a partir das 9h / Realização: Aborda / www.aborda.com.br @aborda.arte | LinkedIn: [aborda-arte](https://www.linkedin.com/company/aborda-arte) | TikTok: @aborda.arte

Sobre a Aborda – A Aborda é uma agência de arte contemporânea dedicada à representação de artistas visuais e ao desenvolvimento de projetos que conectam a criação artística ao mercado, às instituições e ao público. Atua na intersecção entre arte, cultura e sociedade, com ações de fins culturais, educacionais e comerciais. Faz a gestão, a produção e o acompanhamento integral dos projetos, coordenando contratos, prazos, entregas e interlocuções institucionais para que os artistas possam se concentrar em seus processos criativos. Conecta artistas a uma ampla rede de curadores, colecionadores, museus, centros culturais, empresas, agências de design e publicidade, comércio e organizações de diferentes áreas. (...) Dirigida por Carolina Herszenhut, a Aborda tem uma equipe interna formada exclusivamente por mulheres e reafirma seu compromisso com a liderança feminina.



Carolina Herszenhut. Foto: divulgação

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste
CNPJ 42.935.406/0001-06
Editor: J. de Mendonça Neto
Mtb 32792 - ABJ. Nº 4287

Matérias assinadas e de divulgação não representam necessariamente o que pensa o editor da revista.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:
paginaleste@hotmail.com
laczine@gmail.com
Whatsapp (11)99664-5072
<https://paginaleste.wordpress.com/>
[instagram.com/zinelacre](https://www.instagram.com/zinelacre)

CONSIDERADO PELA CRÍTICA COMO UM DOS MELHORES LIVROS BRASILEIROS DE 2024, OBRA DE AUTOR PAULISTA GANHA NOVA EDIÇÃO

Lançamento de Bruno Inácio reúne três contos inéditos e paratextos de Bethânia Pires Amaro, Marcelino Freire e Natércia Pontes

“Bruno, tal como os grandes autores referenciados ao longo do livro, domina a arte de confiar o texto às mãos de seu leitor; somos presenteados com os afetos e as belezas que surgem quando a palavra nos falta e nos abandonamos à compreensão da raiz de nossas angústias. Um livro indispensável para quem entende que, muitas vezes, o que não foi dito esconde a própria definição daquilo que somos.” **Bethânia Pires Amaro, no prefácio**

A elogiada coletânea de contos “De repente nenhum som”, do escritor e jornalista Bruno Inácio, acaba de ganhar uma nova edição pela Reformatório, com três narrativas inéditas. A obra está em pré-venda no site da editora, com 15% de desconto. O livro do autor paulista radicado em Uberlândia (MG) reúne 15 contos que abordam relações familiares e discutem temas como o luto, a velhice, a solidão, o desconforto e, principalmente, o silêncio. A nova edição conta com texto de orelha assinado por Marcelino Freire, prefácio de Bethânia Pires Amaro e texto da quarta capa de Natércia Pontes.

Desde que foi lançada pela Sabiá Livros, em 2024, a obra tem sido bastante elogiada por grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, como Marcela Dantés, Monique Malcher, Lília Guerra, Carlos Eduardo Pereira, Jacques Fux, Ronaldo Cagiano, Morgana Kretzmann, Marcelo Labes, Marília Arnaud e Tito Leite. Também teve ótima aceitação pela crítica literária, sendo escolhido como um dos melhores livros brasileiros de 2024 por publicações especializadas, como as revistas Úrsula e Variações.



O autor conta que a ideia para a obra nasceu de uma experiência traumática. “Em 2018, a minha avó materna caiu sozinha em seu quintal e não teve forças para se levantar. Ela faleceu naquele mesmo ano e, desde então, penso muito sobre a fragilidade de corpos que não conseguem se reerguer. Algum tempo depois, em 2019, senti a necessidade de revisitar essa história e escrever um conto em que a protagonista passasse pela mesma situação. Assim surgiu a história de Céu de ninguém”.

“No entanto, só alguns anos depois é que ‘De repente nenhum som’ ganhou forma. Durante uma oficina com o autor Carlos Eduardo Pereira, escrevi dois contos que também tinham o silêncio e as relações familiares como temas centrais. Nesse momento, decidi escrever um livro com contos que funcionassem como histórias isoladas, mas que também se completassem de alguma forma, uma vez que todos os personagens pertencem a uma mesma família”.

A primeira edição reuniu doze histórias, enquanto a segunda traz três contos inéditos: Domingos Sessão das seis e Trilogia do quase, escritos durante oficina com a escritora Cintia Moscovitch. Em cada um deles, o silêncio aparece sob uma forma diferente. “O tema me pareceu ainda pouco explorado na literatura brasileira contemporânea, o que tornou o processo de escrita ainda mais interessante”, analisa Bruno.

No texto de orelha, o escri-



tor Marcelino Freire destaca o impacto do tema central de “De repente nenhum som”. “As palavras de Bruno Inácio são cheias de silêncio. Frases suspensas no ar. É texto escrito entre o que se sente e o que se pressente. Tudo guardado para o instante seguinte. Carregado de espera. Porque o futuro demora muito tempo”.

Na quarta capa, a escritora Natércia Pontes também elogia a obra. “Entre o silêncio e a palavra, existe um abismo abstrato e infinito. Lá em cima, um céu indiferente, sem Deus. Bruno Inácio flutua entre o céu e o abismo angustiantes como se dançasse graciosamente. Com a naturalidade melancólica de uma criança que se alegra com um litro e meio de refrigerante. Que livro assombrosamente bonito”.

Trajatória

Nascido em Ituverava, interior de São Paulo, mas radicado em Uberlândia, Minas Gerais, Bruno Inácio é jornalista, crítico literário e também autor de “Desprazeres

existenciais em colapso” (Editora Patuá) e “Desemprego e outras heresias” (Sabiá Livros). Ele é colaborador do Le Monde Diplomatique, do Jornal Rascunho e da São Paulo Review, além de ter textos publicados em veículos como Rolling Stone Brasil e Estado de Minas.

Atualmente, ele trabalha em um romance, que também será publicado pela Reformatório. “Ter assinado contrato com uma das editoras mais respeitadas do país representa a realização de um sonho e a oportunidade de chegar a um número cada vez maior de leitores e leitoras”, completa o autor.

FICHA CATALOGRÁFICA De repente nenhum som, Bruno Inácio, Editora: Reformatório, Número de páginas: 74, Ano de publicação: 2026 @editorareformatorio

Karoline Lopes e
Marcela Güther



Com quase dois anos de edições quinzenais sem interrupções, a revista **LacrE** tem tido crescimento de seu qualificado público leitor em progressão geométrica.

Depois de um alcance modesto, agora a revista está circulando com regularidade em todo território nacional; países da América do Sul; países de língua lusófona _em Portugal e no continente africano_ e para leitores nos EUA e Canadá em versão na língua inglesa.

Récem pesquisa feita com disparos em mala direta para mais de 5Mil endereços, onde consultávamos sobre o interesse ou não na continuidade do recebimento da revista, registrou apenas um (01) pedido de cancelamento.

Todo esse trabalho da **LacrE** tem sido feito por poucas mãos, com a colaboração de boas editoras e de um time modesto de assessores de imprensa, sem nenhum tipo de suporte financeiro para essa importante tarefa de divulgação com alcance crescente.

Nosso próximo passo, após consolidação da revista é buscar alguma forma de rentabilizar a atividade. Algumas propostas nos chegam, mas ainda estamos ouvindo outras _caso, você, prezado leitor, também queira apresentar_ para ver as formas disso ocorrer.

Enquanto isso o convite para que editoras e autores submetam seus catálogos a apreciação da redação se mantém. Daremos prioridade para o atendimento nos moldes indicados ao lado e o envio físico do livro para conferência e acervo.

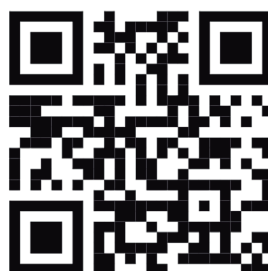
Se a sua obra literária ou cultural precisa ser conhecida. A **LacrE** é a melhor maneira de caguetá-la.

Revista **LacrE**

*Divulgação de literatura, artes, cultura, teatro, música e mais *

SEU LIVRO DIVULGADO!

Envie um resumo, um pequeno trecho (opcional), dados sobre autor, ficha técnica e contatos para aquisição para: lacrezine@gmail.com



<https://paginaleste.com/> ou <https://brazilarchive.com.br/revista-lacre/>

“O SIBITO BALEADO” TRANSFORMA AVES DO SERTÃO EM PROTAGONISTAS DE UMA FÁBULA SOBRE AUTORITARISMO E RESISTÊNCIA COLETIVA

Ambientado na seca de 1932, romance de Francisco Leite Duarte une regionalismo e realismo mágico para discutir desigualdade, abuso de poder e a força dos que se recusam a se curvar.

“Das melhores leituras que fiz nos últimos tempos; O Sibito Baleado é a Revolução dos Bichos do Agreste, divertido, comovente e fascinante.” — Santiago Nazarian

“A mistura dos dois mundos, humano e avicular, em um paralelo incomum e ao mesmo tempo tão cotidiano, é um ingrediente sabroso” — Pablo Casella

“O sibito baleado”, novo romance do escritor, jurista e auditor-fiscal aposentado Francisco Leite Duarte, funde a crueza do romance regionalista de 1930 ao realismo mágico, a partir de um lirismo que se apoia em uma linguagem inventiva e ao mesmo tempo regional. Publicado pela editora Faria e Silva (@fariaesilvaeditora), o livro utiliza uma alegoria antropomórfica para discutir temas urgentemente contemporâneos, como o autoritarismo, a retenção de recursos básicos e a manipulação da verdade. A contracapa conta com blurbs assinados pelos escritores Santiago Nazarian e Pablo Casella.

Ambientada no alto sertão da Paraíba, durante a histórica seca de 1932, a narrativa se desenvolve em uma estrutura espelhada que entrelaça o plano humano e o dos pássaros. Enquanto as pessoas sofrem com a fome e a opressão política na terra, as aves da região, cansadas de pagar um imposto abusivo em sementes estipulado pelo tirano Guiratinga para poderem beber água, decidem organizar uma revolução.

O líder desse levante é Fubica, um sibito (cambacica) de perna e asa quebradas que foi resgatado pelo menino Binga e pelo fazendeiro Pedro Bicudo, protagonistas da parte humana do roman-



ce. Magro, franzino e audacioso, características que dão origem à expressão popular nordestina que intitula o livro, Fubica vê seu discurso, feito inicialmente para impressionar uma pretendente, transformar-se em um exército revolucionário que sela pactos históricos até com besouros e rola-bostas para derrubar a tirania vigente.

“O livro dialoga com clássicos como Vidas Secas e A Bagaceira, mas rompe com o tom realista daquela época”, explica o autor, que faz questão de ressaltar que, em seu livro, homens e bichos se unem não para fugir da seca, mas para lutar ativamente contra as injustiças e as mentiras dos poderosos.

Com uma prosa poética requintada, humor satírico e profunda sensibilidade social, “O sibito baleado” é um manifesto sobre a força da coletividade, a necessidade de resistência e a dignidade daqueles que, mesmo miúdos, recusam-se a se curvar perante os gigantes.

O realismo mágico como espelho de uma trajetória real

Francisco Leite Duarte nasceu na zona rural do alto sertão da Paraíba (Uiraúna). Formou-se em Direito pela UFPB, onde também concluiu mestrado em Direito Econômico e, posteriormente, doutorado em Direitos Humanos e Desenvolvimento. Atuou como Auditor-Fiscal da Receita Federal por mais de 30 anos e hoje é advo-



gado tributarista, colunista semanal do Portal MaisPB e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Na literatura, é autor de romances (“A vovó é louca” e “O pequeno Davi”), contos (“Crimes de agosto”, crônicas e do livro de memórias “Os longos olhos da espera”. Também foi semifinalista do Prêmio Pena de Ouro em 2022.

Francisco conta que seu novo romance mimetiza de forma poética a sua própria trajetória, a partir de um resgate de suas origens e da bagagem que adquiriu durante a vida. Filho de agricultores analfabetos, ele caminhava quilômetros a pé no escuro para poder estudar quando criança. Na juventude, trabalhou diretamente nas frentes emergenciais de combate à seca no Nordeste entre 1977 e 1979 — experiência que o ajudou a construir o cenário do livro de forma contundente.

Apesar de todas as adversidades, transformou-se em Doutor em Direitos Humanos, escritor, professor universitário e auditor-fiscal. “Eu era o próprio sibito baleado — franzino, vulnerável, mas movido por uma força interna gigante”, revela o autor. Para ele,

sua produção literária funciona como uma reparação histórica: “Ao publicar minhas memórias reais e, agora, a fábula de Fubica, dou um ‘troco’ poético na realidade árdua da minha infância. É a prova de que a linguagem e a resiliência do sertanejo merecem um lugar de destaque na literatura contemporânea”.

Por ter trabalhado em três expedientes durante grande parte da vida, ele confessa não ter nenhum ritual para a escrita. Já escreveu dentro de ônibus, em barzinhos, deitado na cama. “Onde der, eu escrevo”.

No momento, o autor dedica-se à escrita de um romance chamado “O Demônio de Laplace”, pretende publicar uma coletânea de crônicas e, quem sabe, um livro de poesia, gênero em que começou a se aventurar ainda aos 18 anos, mas que nunca teve a oportunidade de tornar público.

FICHA TÉCNICA: O sibito baleado, Francisco Leite Duarte / 220 págs / Faria e Silva Editora / @fariaesilvaeditora/ Ano: 2026 / Adquirir: <https://altabooks.com.br/produto/o-sibito-baleado/>

IVY MENON LANÇA “RATOS E ESTRELAS HABITAM O MESMO UNIVERSO” NA BIENAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

Romance de autora de 68 anos, ex-boia-fria, advogada, jornalista e teóloga, aborda o absurdo, a liberdade, as violências e a indiferença a partir da trajetória de duas jovens que escolhem viver intensamente

A 27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo foi palco do lançamento de “Ratos e estrelas habitam o mesmo universo”, novo romance de Ivy Menon (@menon_ivy), na estande K45 da Editora Patuá. Aos 68 anos, a autora apresenta uma narrativa inspirada na ideia do “homem absurdo”, de Albert Camus, e acompanha Betina e Mariana, duas jovens que se revoltam contra a resignação ao destino e escolhem viver intensamente, sem esperança ou ilusão.

O romance se constrói a partir de quatro eixos: o absurdo existencial, as violências estruturais e domésticas, a emancipação feminina pelo corpo e pelo desejo e a fratura de classe. No livro, ratos e estrelas funcionam como imagens de mundos que coexistem de forma desigual: de um lado, os invisíveis e os meninos de rua; de outro, os privilegiados que acreditam que o mundo lhes pertence.

A motivação para escrever a história, segundo Ivy, veio da observação dos jovens e de sua relação com o prazer, a experiência e a urgência diante da finitude. “A motivação veio da imagem dos jovens de hoje e de sempre dançando entre o hedonismo e a urgência de viver e experimentar tudo, todo o prazer possível, já que a morte é a única certeza”, afirma.

A escrita do romance se estendeu por cerca de três anos, em um processo fragmentado que, segundo a autora, dialoga com a própria estrutura da narrativa. Ivy descreve a experiência como um mergulho nas persona-



gens e em si mesma: “Precisei ter coragem para descer aos porões das minhas personagens e também aos meus próprios”. O resultado é uma prosa que combina lirismo e crueza, atravessada também por referências à poesia e à filosofia.

A narrativa não linear acompanha as personagens por um universo marcado pelo caos, pelos conflitos e pelas contradições das relações humanas. Betina e Mariana transitam por situações em que as fronteiras entre vítimas e algozes se tornam menos definidas, enquanto o livro coloca em questão os preconceitos, dogmas e formas de indiferença que atravessam a experiência social.

Para Ivy Menon, a indiferença é a maior das violências. No romance, essa ideia aparece tanto na maneira como Betina e Mariana ignoram os meninos da sarjeta quanto na forma como a própria sociedade as ignora. “Quando Betina e Mariana ignoram os meninos da sarjeta, ou quando a sociedade as ignora, o ciclo de desumanização se perpetua”, afirma.

O livro também marca, para a autora, um processo pessoal de ruptura. Escrever a obra, conta Ivy, significou enfrentar a personagem “Elisabeth” que existia nela, associada à formalidade e às expectativas, para deixar emergir a “Betina”, personagem que dança sobre o caos. “Transformou-me profun-



damente porque me obrigou a encarar meus próprios ‘quartos impenetráveis’”, diz.

Sobre a autora

Ivy Menon, 68 anos, nasceu em Cornélio Procopio (PR) e escreve poesia, crônicas e contos. Foi boia-fria até os vinte anos, período em que se aproximou da literatura por meio dos clássicos disponíveis nas bibliotecas da escola e da Prefeitura Municipal. É bacharel em Direito, com pós-graduação em Filosofia e Teoria do Direito, além de jornalista e teóloga.

Publicou os livros de poesia “Flores Amarelas” (2006, Editora Multifoco), “Matemática das Algemas” (2021, Camino Editorial) e “Olhos de mandrágora” (2024, Editora Patuá); o livro de crônicas “Asas de terra e sangue” (2021, Editora Arribação); e o

romance em parceria “Mar fechado Mar aberto” (Rizoma Projetos Editoriais). Atualmente, mora em Rio Negro (PR).

LEIA!

SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

101 RAZÕES PARA AGIR AGORA: O LIVRO QUE MOSTRA QUE REGENERAR O PLANETA CABE NO COTIDIANO DE TODOS

Obra do professor Marcus Nakagawa reúne ações práticas de sustentabilidade ao alcance de qualquer pessoa

O planeta exige atitudes concretas no dia a dia de indivíduos e organizações, e a mudança está mais perto do que parece. Foi para ensinar isso que Marcus Nakagawa, doutor em sustentabilidade pela USP e autoridade no tema, compilou 101 ações práticas em um único livro para quem quer fazer a diferença no mundo.

No dia 13 de setembro, domingo, o Prof. Dr. Marcus Nakagawa @marcusnakagawa autografou exemplares da segunda edição de "101 Dias com Ações Mais Sustentáveis para Mudar o Mundo" no estande da Editora Labrador @editoralabrador, durante a 28ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no Distrito Anhembi. Foi o lançamento oficial da nova edição da obra, com referências atualizadas para o leitor de hoje.

A sustentabilidade deixou de ser um tema de nicho para se tornar parte de absolutamente tudo: da forma como uma família organiza a casa à forma como uma empresa conduz sua produção e sua governança, do que se ensina numa escola ao que se pratica dentro de uma organização. É exatamente nesse ponto que o livro de Nakagawa se torna ferramenta: 101 ações práticas, uma por capítulo, para quem quer parar de só concordar com a causa e começar a agir por ela.

"Ser sustentável pede uma postura de vida que se constrói no dia a dia. O objetivo deste livro é simplificar o caminho entre o discurso e a prática. Quando desmistificamos a sustentabilidade e a trazemos para as nossas decisões diárias, mostramos que cada um de nós tem o poder de mudar a si mesmo e ser um verdadeiro agente

de transformação.", declara o prof. Naka

O livro reúne ações como conversar com alguém diferente de você ou entender para onde vai o seu investimento, a decisões estruturais, como montar um comitê de sustentabilidade dentro da própria empresa ou repensar sua governança. Cada um dos capítulos traz uma sugestão de ação, o que faz da obra um manual de consulta.

Baseadas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, as 101 ações foram elaboradas para qualquer indivíduo, independentemente de idade ou nível de conhecimento sobre o tema. O espírito da obra está resumido em uma ideia simples: sustentabilidade não é sobre agir perfeitamente, é sobre agir. Não é necessário colocar as 101 ações em prática ao mesmo tempo, começar por apenas uma já muda a trajetória de uma pessoa, de uma família ou de uma organização.

Sobre o autor

O Prof. Dr. Marcus Nakagawa é doutor em Sustentabilidade pela USP e professor da ESPM, onde coordena o CEDS, Centro ESPM de Desenvolvimento Socioambiental. É presidente da Abraps, Associação Brasileira dos Profissionais pelo Desenvolvimento Sustentável, coordenador do curso Business Sustainability for Leaders na State University of New York, em Albany, TEDx Speaker e colunista da Folha de S.Paulo. Venceu o Prêmio Jabuti 2019 na categoria Economia Criativa com a primeira edição de "101 Dias com Ações Mais Sustentáveis para Mudar o Mundo" e é autor de mais de 15 livros e capítulos sobre sustentabilidade, empreendedorismo e estilo de vida.

[linkedin.com/in/marcusnakagawa](https://www.linkedin.com/in/marcusnakagawa)
marcusnakagawa.com



**MAIS UM DIA NESSA
D: TADURA ONDE TODO
MUNDO FALA O QUE QUER
E NINGUÉM É TORTURADO
E MORTO POR SER CONTRA
O GOVERNO.**



LIDERANÇAS DE TERREIRO DIVIDIRÃO PALCO DA FLUP COM ANA MARIA GONÇALVES, CONCEIÇÃO EVARISTO E GILBERTO GIL



Representantes de comunidades de terreiro na Abertura da Flup Foto: Tiago Liel

Bênçãos conduzidas por mães de santo abrem as mesas da 16ª edição, que acontece de 23 a 27 de setembro, no Centro do Rio, com entrada gratuita e o tema “As filhas das filhas das filhas”

Antes que a primeira mesa comece, uma mãe de santo toma a palavra. A cena vai se repetir quatorze vezes ao longo dos cinco dias da 16ª Flup, que ocupa o Teatro Municipal Carlos Gomes, a Sala Guarani e a Praça Tiradentes, no Centro do Rio, de 23 a 27 de setembro. As bênçãos, conduzidas por mulheres, muitas delas octogenárias, acontecem nos dez minutos que antecedem cada debate. A escolha responde ao tema desta edição, “As filhas das filhas das filhas”, que segue a linhagem de mulheres negras a partir de *Um defeito de cor*, romance de Ana Maria Gonçalves, homenageada do ano. A programação é gratuita e tem patrocínio master da Shell, além de patrocínio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Lei do ISS.

A escritora participa da programação noturna do dia 23, na mesa que dá nome ao tema, ao lado da filósofa Djamil Ribeiro, com mediação da pesquisadora, historiadora e curadora do concurso de rodas de samba, Na Palma da Mão, Angélica Ferrarez. As duas obras que sustentam o conceito da edição estarão ali frente a frente, já que o eixo da programação nasce da relação

entre a Vó Antônia de Cartas para minha avó, de Djamil, e a protagonista do romance de Ana Maria, primeira mulher negra eleita para a Academia Brasileira de Letras, em julho de 2025.

“A Flup nunca separou o que se pensa na universidade do que se sabe no terreiro. Ter onze sacerdotisas abrindo as mesas é dizer que a bênção de uma rezadeira e a fala de uma pesquisadora pertencem ao mesmo debate”, afirma Julio Ludemir, diretor da Festa Literária das Periferias.

Na quinta-feira, 24, a programação junta gerações que raramente dividem o mesmo palco. Conceição Evaristo, criadora do conceito de escrivência, participa de um dia dedicado à literatura e ao cinema, ao lado de Adélia Sampaio, primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem no Brasil. Lívia Sant’Anna, jurista e pesquisadora e Emília Roig, escritora e ativista francesa, fundadora do Center for Intersectional Justice também são destaques do dia.

Sexta-feira concentra o pensamento acadêmico. Cida Bento, autora de O Pacto da Branquitude e diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), divide a programação com Kabengele Munanga, primeiro antropólogo formado na República Democrática do Congo e uma das principais referências no estudo das relações raciais no Brasil. Estão no mesmo

dia a filósofa Denise Ferreira da Silva, autora de A Dívida Impagável, a artista visual Rosana Paulino e a pesquisadora Taisa Machado, criadora do Afrofunk Rio. À noite, o podcast Angu de Grilo faz um encontro com Flávia Oliveira, colunista de O Globo e comentarista da GloboNews e da CBN, e com a jornalista Isabela Reis.

O sábado, 26, pertence ao teatro e à música. Nei Lopes, um dos maiores pesquisadores da história do samba, abre o dia com o repórter Chico Regueira. Na sequência entram o dramaturgo Jô Bilac, vencedor dos prêmios Shell e APTR, a atriz e diretora Grace Passô, Ana Flávia Cavalcanti, a roteirista Sabrina Fidalgo, Aldry Anunciação, autor de Namíbia, Não!, e a coreógrafa Carmen Luz. Gilberto Gil e a rapper baiana Duquesa fecham a noite.

No domingo de encerramento, Linn da Quebrada e Vita Pereira, cantora da dupla de funk eletrônico Irmãs de Pau, conversam no Teatro Carlos Gomes. Leda Maria Martins, que formulou o conceito de tempo espiralar, apresenta uma performance logo depois. Bianca Santana, diretora da Casa Sueli Carneiro, recebe a escritora senegalesa Ken Bugul, e Jeferson Tenório, autor de O Averso da Pele, encontra o pesquisador britânico Kehinde Andrews.

Saberes que chegam do terreiro

A presença das mães de santo se distribui pelos cinco dias, sempre antes do início dos debates. Mãe Meninazinha de Oxum, uma das mais tradicionais ialorixás do Rio, Mametu Mabeji, do Terreiro Bate Folha, Doné Conceição d’Lissá, Mãe Helena de Dan, Mãe Seci Caxi, Mãe Torodi, Mãe Jurema, Mãe Marli de Xangô, Mãe Selma Reis, Mãe Ana da Boa Viagem e Ya Tebexé, detentora de um título ligado à tradição musical e litúrgica dos candomblés de matriz ketu, comparecem como guardiãs de conhecimentos que sustentam o re-

pertório celebrado pela Festa. A sambista Tia Nicinha, guardiã do jongo, dá a bênção de abertura na Praça Tiradentes, no dia 23.

A cineasta Sabrina Fidalgo também está na lista. Filha do dramaturgo Ubirajara Fidalgo (1949-1986), fundador do Teatro Profissional do Negro e um dos pioneiros do teatro negro brasileiro, ela acompanha o festival de cenas curtas que leva o nome do pai e ocupa a Sala Guarani ao longo da Festa. Completam a lista de brasileiros o geógrafo Billy Malachias, a cordelista pernambucana Vitória Rodrigues, a roteirista Fabi Albuquerque e Filó Filho, idealizador do Cultne, maior acervo digital de cultura negra do país.

Uma conversa que não recomeça do zero

Cada edição da Festa se apoia no que ficou da anterior. Conceição Evaristo, homenageada em 2025, volta agora para debater com nomes que ela ainda não encontrou no palco da Flup, entre eles Adélia Sampaio. Ana Maria Gonçalves faz o percurso inverso, já que participou da edição passada como convidada e recebe este ano a homenagem, com o próprio romance transformado em chave de leitura da programação inteira. Leda Maria Martins chega à terceira participação seguida, cada vez em uma configuração diferente, depois de discutir dança e tempo com a coreógrafa Lena Blou em Madureira.

“Convidar Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo no mesmo ano, uma como homenageada e a outra como quem já foi homenageada, mostra o tipo de continuidade que interessa à Festa. Ninguém aqui passa e vai embora”, completa Ludemir.

Kabengele Munanga, Elisa Lucinda e Chico Regueira participaram da edição de 2024, no Circo Voador, e retornam a um contexto que mudou de tema, de território e de recorte. O podcast Angu de Grilo, que já esteve nas duas últimas

edições, recebe desta vez Rosana Paulino, o que desloca a conversa do jornalismo para as artes visuais.

Ao lado deles entram nomes que chegam agora, como Bianca Santana, Taisa Machado e Filó Filho. A lista de estreantes também inclui as mães de santo, que participam pela primeira vez em conjunto e com função definida na estrutura dos debates.

A 16ª Flup é apresentada pelo Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura – Lei do ISS, e Shell, que é patrocinador master, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. O apoio é da Fundação Ford, Imaginable Futures, Hawthornden Foundation e British Council. Realização: Suave, Associação Na Nave, Ministério da Cultura.

“Na Shell, entendemos a cultura como uma ferramenta potente de impacto social positivo e reconhecemos no po-

der da parceria um caminho para ampliar vozes, conectar territórios e gerar transformação. Dentre nossos patrocínios culturais, temos orgulho de apoiar a Flup, projeto que promove integração entre literatura, música, performance e território, criando conexões entre diferentes públicos, artistas e comunidades, além de fortalecer a diversidade de vozes presentes na produção cultural brasileira”, comenta Glaucio Paiva, diretor de Comunicação e Marca da Shell Brasil.

SERVIÇO: Festa Literária das Periferias (Flup) 2026 / Datas: 23 a 27 de setembro / Teatro Municipal Carlos Gomes, Salão Guarani, Praça Tiradentes, s/n, Centro, Rio de Janeiro / Entrada Gratuita / Instagram: @vempraflup Site: www.vempraflup.com.br

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA NO SITE DA FLUP:

www.vempraflup.com.br

Sobre a Flup

A Festa Literária das Periferias – Flup tem como missão propor

outras experiências literárias e ampliar a circulação de vozes negras, periféricas, femininas e LGBTQIAPN+. Ao longo de 15 edições, o festival ocupou diferentes territórios do Rio de Janeiro promovendo encontros entre autores brasileiros e internacionais, formações artísticas, ações educativas e experiências culturais comunitárias. Reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, a Flup já publicou 40 livros, impactou milhares de estudantes da rede pública e se consolidou como uma das principais plataformas culturais do país voltadas à literatura e ao pensamento negro e periférico.

Sobre a Semana de Arte do Rio

Entre os dias 16 e 27 de setembro de 2026, a primeira edição da Semana de Arte do Rio reunirá festivais de diferentes linguagens artísticas, além de exposições, intervenções urbanas e atividades culturais realizadas em equipamentos públicos e privados da região central da cidade. A programação reúne tanto projetos já consolidados na cena cultural carioca quanto festivais mais re-

centes, que refletem a diversidade e a produção artística contemporânea.

Concebida como uma plataforma continuada de integração de políticas culturais, a Semana de Arte do Rio articula cultura, turismo, desenvolvimento econômico e urbanismo em uma estratégia compartilhada da Prefeitura para fortalecer o ecossistema cultural da cidade. Ao integrar festivais, instituições culturais, artistas e agentes do setor em uma programação calendarizada, diversificada e articulada, a iniciativa amplia o alcance das ações culturais, promove a ocupação qualificada dos espaços públicos e reforça a posição do Rio de Janeiro como referência nacional e internacional na produção artística contemporânea.

Durante doze dias, espaços culturais, museus, centros culturais, teatros, galerias e equipamentos públicos da região central receberão uma programação integrada que valoriza o patrimônio material e imaterial da cidade, estimula a circulação de artistas e públicos e fortalece a economia da cultura.

MELANCOLIA DOS CONFINES NORTE

Mathias Enard

Tradução de Joana Cabral

O novo romance do destacadíssimo escritor francês, o quinto publicado pela Dom Quixote, é o primeiro de uma quadrilogia dividida em quatro estações.

Segue-se ao inesquecível Desertar.

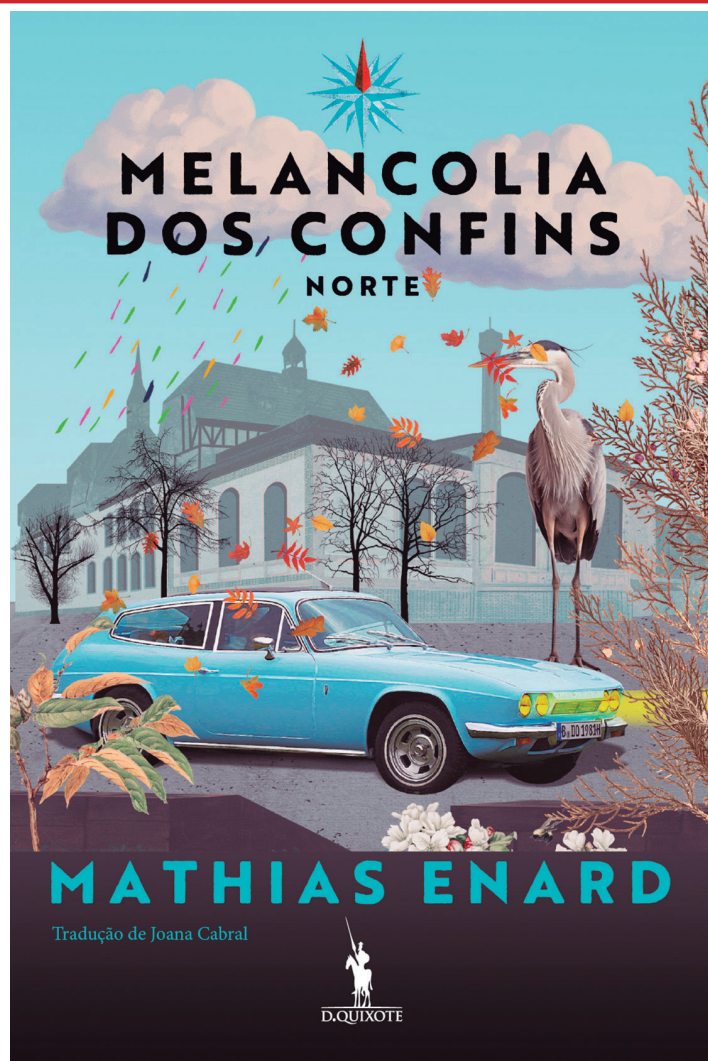
Ao sair da clínica de Beelitz, onde foi visitar uma querida amiga apanhada por um acidente vascular cerebral, o autor transforma a sua melancolia num passeio, tanto para se aquecer como para afugentar a tristeza que o aflige. Enquanto cai a noite precoce e chuvosa do outono berlinense, Mathias Enard caminha pela cidade e pela sua história.

Como numa conversa interior algo dantesca, o seu espírito deambula, vasculha o tempo e a geografia, examina a noção multiforme de fronteiras, de limites... e descobre em todo o lado as clareiras, a esperança melancólica: nas



Enard desenha o seu atlas pessoal, cartografia íntima de um mundo feito de hiperligações, incansavelmente percorrido. E consegue, mais uma vez, o tom certo para celebrar os encontros e a diversidade.

«Mais um limite superado, que não é o de um país, que também não é a fronteira do tempo, invisível, que atravessamos a cada passo em Berlim



a cada parágrafo no livro de Mathias Enard. A própria literatura ergue-se na fronteira.»

Libération

«É graças à sua língua, de uma beleza líquida, que Mathias Enard atinge o ponto em que história íntima e história coletiva se encontram. [...] Triste, belo e sombrio é o passeio de Mathias Enard. [...] Mas essa tristeza é toda de veludo: bem que gostaríamos de prolongar o seu afago.» *Le Monde des Livres*

«A magnífica exploração do romancista Mathias Enard no crepúsculo berlinense. Neste primeiro livro de um projeto em quatro volumes, o autor parte do ocaso e do outono de Berlim para levar a cabo uma sublime meditação sobre os mistérios do espírito, a passagem do tempo, a guerra e a História, a melancolia e a amizade.» **Mediapart**

DO AUTOR - Mathias Enard @mathiasenard nasceu em 1972, es-

tudou persa e árabe, e viveu largos períodos no Médio Oriente.

É professor de árabe na Universidade de Barcelona, cidade onde vive.

É autor dos romances *La Perfection du tir* (2003; Prémio dos Cinco Continentes da Francofonia 2004), *Remonter l'Orénoque* (2005), *Zona* (2008; prémios Décembre 2008 e Livre Inter 2009, entre outros), *Fala-lhes de Batalhas, de Reis e de Elefantes* (2010; Prémio Goncourt des Lycéens 2010 e Prémio do Livro em Poitou-Charentes

2011), *Rue des voleurs* (2012; finalista do Prémio Goncourt e vencedor do Prémio Lista Goncourt / A Escolha do Oriente 2012, entre outros), *Bússola* (2015; Prémio Goncourt 2015 e Prémio Lista Goncourt / A Escolha da Suíça 2015), *Le Banquet annuel de la confrérie des fossoyeurs* (2020), *Desertar* (2023) e *Melancolia dos Confins - Norte* (2024). Publicou também os livros de ensaio *Bréviaire des artificiers* (2007) e *L'Alcool et la nostalgie* (2011). - @domquixote

FORTUNAS E ADVERSIDADES DE LUCIANO DE MEGERA - BURRO DE MUITOS AMOS

Paulo Moreiras

O primeiro livro de Paulo Moreiras depois de ter conquistado, em 2025, o Prémio PEN de Ficção Narrativa, atribuído ao picaresco romance *A Vida Aireda de Dom Perdigote*, género dentro do qual também se insere esta surpreendente novela.

Será esta novela um divertimento literário? Um exercício erudito ou um embuste?

Patranha de algum alfarrabista? Que mistérios se escondem por detrás desta peregrina novela, com tanto de picaresco como de sátira e crítica de costumes?

A novela que ora se apresenta nasce da descoberta de um manuscrito, da sua apropriação criativa por Paulo Moreiras e da simbiose literária que o autor estabeleceu entre os textos, preservando o mesmo princípio: o de poder escrever pelo puro amor da escrita.

Poderia um burro escrever uma novela assim? Pelos vistos confirma-se. Porém, esta novela afigura-se como um quebra-cabeças para os bibliotecários, um trinta-e-um para os livreiros e um imbróglio para os críticos literários, isto é, se houver algum disposto a perder-se pelas brenhas desta floresta de fantasia e imaginação.

Aqui o leitor entra por sua conta e risco, sabendo que irá encontrar uma obra cheia de pilhéria, graça e sainete como aquelas a que Paulo Moreiras já nos habituou e de onde seguramente sairá com a barriga farta de riso. Fica feito o aviso.



© Rui Miguel Pedrosa

Atrava-se.

«O romance histórico, ultimamente tão degradado entre nós, readquire com Paulo Moreiras o seu intemporal esplendor.» Mário Cláudio

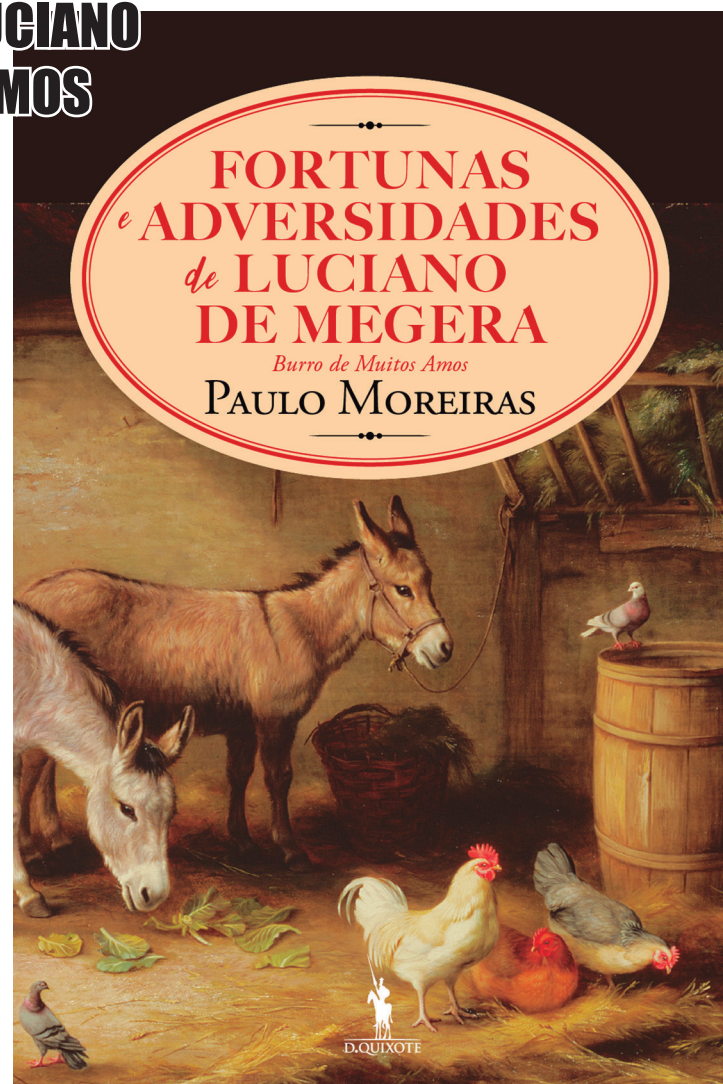
«Li-o num sopro: *A Vida Aireda de Dom Perdigote* [...]. É um romance de leitura exigente. Acorda em quem o lê [...] a cultura literária de uma escrita assombrosa e de vasto saber linguístico.» João de Melo

«Chego agora quase aos cinquenta anos e é que dou conta de que existe Paulo Moreiras. [...] É um divertimento excelente, e toda a gente sabe que quando eu uso a palavra divertimento não é para me referir a coisas menores, antes pelo contrário.» Ricardo Araújo Pereira

AUTOR - Paulo Moreiras nasceu em Agosto de 1969, na cidade de Lourenço Marques, Moçambique.

Em Outubro de 1974 veio para Portugal.

Quis ser desenhador, cientista, inventor, marinheiro, antro-



pólogo.

Não foi nada disso.

Perdeu-se muitas vezes e achou-se outras tantas.

Erra mais do que acerta, mas não deixa de ser feliz por isso.

Estreou-se no romance com *A Demanda de D. Fuas Bragatela* (2002), seguindo-se *Os Dias de Saturno* (2009), *O Ouro dos Corcundas* (2011) e *A Vida Aireda de Dom Perdigote* (2023), vencedor do Prémio PEN Narrativa 2025.

Em 2021, reuniu os seus melhores contos em *O Caminho do*

Burro.

Também escreve sobre gastronomia e culinária, com destaque para *Elogio da Ginja* (2006), *Pão & Vinho – Mil e Uma Histórias de Comer e Beber* (2014) e *Do Palito à Perdiz – sobre a mesa muito se diz* (2026).

SERVIÇO: *Fortunas e adversidades de Luciano de Megera*, Paulo Moreiras, Literatura Lusófona 136 páginas 14,90 Euros 1.ª Edição: Setembro 2026 Dom Quixote @domquixote

PADRE JÚLIO LANCELLOTTI GANHA EXPOSIÇÃO EM HOMENAGEM A SUA TRAJETÓRIA NA LACERDINE GALERIA



A Alfabetização do Olhar – um ato de amor e responsabilidade” reúne mais de 100 fotografias, além de prêmios recebidos pelo sacerdote. A programação inclui, ainda, rodas de conversa sobre direitos humanos, a partir de 18 de setembro

A Lacerdine Galeria de Arte (Avenida Angélica, 2578, SP) recebe, de 18 de setembro a 18 de novembro de 2026, a exposição “A Alfabetização do Olhar – um ato de amor e responsabilidade”, uma homenagem ao Padre Júlio Lancellotti e à atuação da Pastoral do Povo da Rua no acolhimento, na convivência e na defesa dos direitos das pessoas em situação de rua em São Paulo.

Com curadoria de Geraldo Lacerdine - artista plástico expressionista contemporâneo e fundador da Lacerdine Galeria @lacerdine -, a mostra reúne mais de 100 fotografias de Daniel Camargo Kfourir, Fernando Jensen, Tr3ze e Victor

Angelo Caldini, além de textos, instalações e vídeos. No mezzanino da galeria, serão apresentados cerca de 50 prêmios e reconhecimentos recebidos por Padre Júlio ao longo de sua trajetória.

A exposição parte de uma ideia central: a necessidade de aprender a olhar para pessoas e situações que frequentemente são ignoradas pela sociedade. A chamada “alfabetização do olhar” proposta pela curadoria busca deslocar o espectador de uma observação superficial para uma percepção que considere histórias, dores, relações, direitos e subjetividades.

Segundo Lacerdine, a exposição nasceu da percepção de que o trabalho desenvolvido pelo Padre Júlio e pela Pastoral do Povo

da Rua tem a necessidade de ser apresentado também por meio de uma experiência artística e documental. “O objetivo é levar ao conhecimento de todos um trabalho tão afetivo e tão importante para uma população tão necessitada e tão carente”, afirma.

Para o curador, as fotografias não devem ser vistas apenas como

registros da população em situação de rua. A mostra também procura apresentar a maneira como Padre Júlio estabelece sua relação com essas pessoas. “O público vai encontrar, além das fotos muito profundas e impactantes, as falas do Padre Júlio de como ele aborda e como concebe o tratamento e a relação com essas pessoas. Isso é





muito importante porque é uma maneira diferente de observar tanto as pessoas em situação de rua quanto as vê essas pessoas e como ele as trata ao longo do seu trabalho.”

A iniciativa partiu da Lacerdine Galeria e de pessoas próximas à missão desenvolvida pelo sacerdote, como Marcio Rachkorsky, advogado especialista em condomínios, comentarista do SP1 da Rede Globo, entre outros. A proposta foi construir uma exposição que apresentasse não apenas as dificuldades enfrentadas pela população em situação de rua, mas também a dimensão afetiva e a urgência presentes na atuação do Padre Júlio.

“Fiquei contente com a notícia da montagem da exposição. Meu coração não se volta para o meu próprio nome, mas para as presenças que encontro todos os dias nas calçadas, sob os viadutos e nos olhares daqueles que a sociedade insiste em tornar invisíveis. Esta homenagem é sobre tudo para o povo que sofre. E está inserida no contexto do nosso trabalho com o povo da rua, é um lembrete fundamental: não há como separar o amor ao Cristo do amor aos mais pobres.”, declara padre Júlio Lancellotti.

A convivência como princípio

Um dos eixos conceituais da exposição é a diferença entre assistência pontual e convivência. Mostrar como o trabalho do padre Júlio está relacionado à construção de vínculos e ao reconhecimento da pessoa em situação de rua como sujeito de direitos. Para ele não basta falar sobre os pobres ou ajudá-los à distância. É necessário estar com eles, conviver, conhecer seus nomes e histórias. A misericórdia não é apresentada como pena ou como uma ação exclusivamente assistencialista, mas como aproximação e reconhecimento.

A exposição também aborda a dimensão de conflito e resistência associada à defesa dos direitos das pessoas em situação de rua. Para o curador, assumir essa causa significa compartilhar, de alguma maneira, as consequências enfrentadas por aqueles que são defendidos.

Lacerdine recorda uma conversa com o Padre Júlio que marcou a concepção da mostra. Segundo ele, o sacerdote afirmou que “assumir a causa dos mais pobres é assumir no nosso próprio corpo as mesmas dores que essa população sofre dia a dia”. Para o curador, essa perspectiva ajuda a compreender também as perseguições e privações enfrentadas pelo sacerdote ao longo de sua atuação pública.

Fotografia como instrumento de reflexão

A exposição reúne trabalhos de quatro fotógrafos que, a partir de diferentes trajetórias, registram pessoas, situações e relações ligadas à população em situação de rua. As imagens são apresentadas em diálogo com frases e reflexões do Padre Júlio, buscando construir uma narrativa que vá além do registro documental. A fotografia é utilizada como ferramenta para discutir dignidade, preconceito, desigualdade, direitos humanos e responsabilidade coletiva.

A relevância cultural da mostra está justamente na tentativa de colocar essas questões no espaço da arte e do debate público. A proposta é utilizar fotografia, textos e outras linguagens para provocar uma reflexão sobre os mecanismos de exclusão presentes na sociedade contemporânea e sobre as formas de convivência com aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade.

Cerca de 50 prêmios e reconhecimentos



No mezzanino da Lacerdine Galeria de Arte estarão expostos cerca de 50 prêmios e reconhecimentos de Padre Júlio Lancellotti ao longo de sua trajetória. Entre eles estão:

- CNN Brasil – Prêmio Notáveis (2022);
- Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH) – Prêmio Nacional de Direitos Humanos, categoria Personalidade (2003);
- Ministério da Justiça – Medalha da Ordem do Mérito (2023);
- Veja São Paulo – Prêmio Comer & Beber, categoria Causa Social (2022);
- Câmara dos Deputados – Medalha Mérito Legislativo (2023);
- Universidade de São Paulo (USP) – Prêmio USP de Direitos Humanos, categoria Individual;
- Rede Rua e Prefeitura de São Paulo – Estação Cidadania.

PROGRAMAÇÃO

Além da exposição, a programação inclui encontros e atividades abertas ao público:

■ 18 de setembro de 2026, às 20h / Vernissage e abertura oficial da exposição para jornalistas e convidados.

■ 24 de setembro de 2026 / 10h- Apresentação da exposição a um grupo de pessoas atendidas por projetos ligados ao Padre Júlio Lancellotti e à Pastoral do Povo da Rua. / 19h- Roda de conversa “A alfabetização do olhar”, com Padre Júlio Lancellotti e convidados.

■ 8 de outubro de 2026, às 19h / Roda de conversa “Por que o mundo gerou tantos excluídos?” com Padre Júlio Lancellotti e convidados.

■ 22 de outubro de 2026, às 19h / Roda de conversa “Religiosidade das ruas – um ato de coragem, resiliência e respeito”, com Padre Júlio Lancellotti e convidados. Entre os nomes sugeridos estão Monja

Coen e um representante de religiões de matriz africana.

■ 5 de novembro de 2026, às 19h / Roda de conversa “Por que o ser humano exclui?” com Padre Júlio Lancellotti e convidados

■ 18 de novembro de 2026 / Encerramento da exposição com sarau de música e poesia.

Sobre Padre Júlio Lancellotti

- Nascido em São Paulo, em 27 de dezembro de 1948, Padre Júlio Lancellotti construiu sua trajetória religiosa e social dedicada ao atendimento e à defesa de pessoas em situação de vulnerabilidade. Em 1968, iniciou o noviciado agostiniano. Formou-se em Pedagogia em 1975 e, até 1979, atuou simultaneamente como professor e atendente de enfermagem. Em 1980, iniciou o curso de Teologia e, em 1985, foi ordenado sacerdote por Dom Luciano Mendes de Almeida. No mesmo ano, assumiu a Paróquia São Miguel Arcanjo, na Mooca, em São Paulo, que se tornou uma das bases de sua atuação pastoral. Sua trajetória está especialmente ligada a três frentes da Igreja Católica voltadas à população em situação de vulnerabilidade: a Pastoral do Menor, dedicada ao acolhimento e à proteção de crianças e adolescentes em situação de risco; a Pastoral Carcerária, voltada às pessoas privadas de liberdade; e a Pastoral do Povo da Rua, em que sua atuação ganhou grande projeção pela assistência direta, defesa de direitos e visibilidade da população em situação de rua. Ao longo de sua trajetória, Padre Júlio tornou-se também uma voz pública no debate sobre desigualdade social, direitos humanos, políticas públicas e chamada “arquitetura hostil” contra pessoas em situação de rua.

Entre as frases que sintetizam sua visão estão: “A caridade não



pode ser uma esmola, tem que ser um projeto de justiça” e “O lugar do padre é onde o povo está”.

Sobre os fotógrafos

Daniel Camargo Kfoury - Fotógrafo, filmmaker e editor de vídeo, possui mais de 25 anos de atuação em veículos de comunicação e marcas no Brasil e no exterior. Trabalhou para Editora Abril, Folha de S.Paulo, France Presse, The New York Times e Nike, onde acompanhou durante uma década a Seleção Brasileira e o Corinthians. Seu trabalho recebeu premiações nacionais e internacionais, incluindo reconhecimento no World Press Photo, POY Latam, Prix Canon de Saint-Tropez e Prêmio Militão Augusto de Azevedo. Também foi responsável pela direção dos filmes da exposição “Amazônia – Sebastião Salgado”.

Fernando Jensen - Fotógrafo documental, desenvolve seu trabalho principalmente em torno de temas sociais, direitos humanos e narrativas pouco visibilizadas no contexto urbano. Seus projetos autorais são construídos a partir da escuta e da convivência com as pessoas retratadas, articulando fotografia, texto e depoimento como elementos de uma mesma narrativa.

Victor Angelo Caldini - Iniciou sua trajetória na fotografia em 2020, durante a pandemia, registrando voluntariamente o trabalho de coletivos e organizações não governamentais. Foi nesse período que conheceu o Padre Júlio e passou a acompanhar sua convivência com a população em situação de rua. A partir dessa experiência, passou a utilizar a fotografia para registrar histórias de dignidade, resistência e humanidade. Seu trabalho já foi publicado e exibido em jornais, revistas, livros, filmes e festivais. Suas fotografias já circu-

laram por países como Suíça, Áustria e Estados Unidos. Atualmente, é fotógrafo oficial da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de São Paulo, atua como coordenador de comunicação e também como voluntário ao lado do Padre Júlio Lancellotti.

Tr3ze - Nascido no Rio de Janeiro e formado em Engenharia de Software, iniciou sua trajetória na fotografia em 2025, durante uma viagem de mochila pelo Brasil. A experiência começou como uma busca por conhecer o próprio país e se transformou em um projeto de aproximação com histórias e personagens brasileiros. Interessado pela fotografia e pelas palavras, desenvolve um trabalho voltado a narrativas populares e originais, especialmente histórias relacionadas à resistência diante do tempo e dos preconceitos. Utiliza a fotografia como meio para construir uma visão otimista e humana do Brasil.

Sobre o curador Geraldo Lacerdine - artista brasileiro nascido em 1977, em Minas Gerais, concebe a arte como uma força de transformação social. Seu trabalho aborda questões relacionadas à exclusão, ao preconceito, à discriminação e à exploração cultural e intelectual. Formado em Filosofia, com especializações em filosofia da arte, teatro, gestão educacional e psicanálise, define sua produção como expressionismo contemporâneo. Sua obra se desenvolve em diferentes vertentes, entre elas as poéticas relacionadas à literatura, as obras figurativas e a produção de temática sacra. Dedica-se à arte há mais de 25 anos e começou a pintar ainda na infância, por volta dos sete anos de idade. Lacerdine é ex-padre da Ordem dos Jesuítas e atuou durante anos como diretor de comunicação da ANEAS



– Rede Jesuíta de Educação e na direção do Colégio São Luís, em São Paulo. Para ele, a arte deve ser capaz de criar espaços de reflexão e diálogo sobre questões concretas da sociedade. A curadoria de “A Alfabetização do Olhar” parte dessa perspectiva ao aproximar fotografia, memória, documentação e debate social.

Sobre a Lacerdine Galeria de Arte

- Inaugurada em fevereiro de 2025, atua como espaço dedicado à arte contemporânea, ao diálogo entre diferentes linguagens e à inclusão. Recebe exposições, eventos performáticos, cinema e encontros artísticos, buscando aproximar diferentes públicos da produção cultural. A galeria foi concebida como um lugar de encontro entre artistas, curadores, críticos, pesquisadores e público, com uma programação que procura colocar a arte em diálogo com questões sociais e contemporâneas. O espaço abriga o Café FalasArtes, ampliando sua proposta de convivência e encontro em torno da produção artística e cultural. Instagram: @lacerdine | @cafealasartes

Serviço: Exposição: A Alfabetização do Olhar – um ato de amor e responsabilidade / Homenagem: Padre Júlio Lancellotti / Curadoria: Geraldo Lacerdine / De 18/setembro a 18/novembro de 2026, de segunda a sábado, das 10h às 18h / **Lacerdine Galeria de Arte** (Avenida Angélica, 2578, Higienópolis, São Paulo) / Entrada gratuita - Na página seguinte algumas fotos da exposição dos artistas/fotógrafos: [@danielcamargokfoury](#), [@fernandojensenoficial](#), [@victorangelofotos](#) e [@tr3ze](#).



GILBERTO GIL E DUQUESA SE ENCONTRAM NA FLUP PARA DISCUTIR O PODER REVOLUCIONÁRIO DA MÚSICA

Mesa “Músicas mais antigas que o país” reúne duas gerações de artistas no sábado, 26 de setembro, em debate sobre transformação cultural e novas formas de representação; Festa Literária das Periferias será realizada entre 23 e 27 de setembro, com entrada gratuita

O que uma canção é capaz de transformar? Essa é uma das questões que atravessam a mesa “Músicas mais antigas que o país”, que reúne Gilberto Gil e Duquesa na Flup - Festa Literária das Periferias, com patrocínio master da Shell, além de patrocínio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura – Lei do ISS. O encontro será no sábado, 26 de setembro, no Teatro Municipal Carlos Gomes, Centro do Rio.

O bate-papo parte de uma ideia central: toda revolução nasce a partir de uma canção. Em diferentes momentos da história brasileira, a música foi capaz de romper padrões, misturar referências, criar novas linguagens e dar voz a transformações sociais e culturais. É nesse território que as trajetórias de Gilberto Gil e Duquesa se encontram.

Em sua emergência artística, ainda nos anos 1960, Gilberto Gil esteve ao lado de Caetano Veloso na construção do Tropicalismo, movimento que provocou uma profunda transformação na música e na cultura brasileira ao incorporar a mistura de ritmos, linguagens e referências. A ruptura proposta pelos tropicalistas ampliou as possibilidades da criação artística brasileira e marcou uma geração.

Décadas depois, uma nova revolução acontece a partir de outras vozes, experiências e perspectivas. Duquesa, artista emergente da nova geração do rap nacional, constrói sua trajetória a partir de uma sonoridade que transita pelo rap, R&B, trap e soul e de uma identidade artística que coloca em evidência a mulher negra, periférica, independente e dona de suas próprias escolhas. Sua música participa da construção de novas narrativas sobre autoestima, identidade, relações e juventude negra.

O encontro entre os dois artistas coloca em diálogo legado e renovação. De um lado, a experiência de quem ajudou a transformar os caminhos da música brasileira; de

outro, a perspectiva de uma artista que representa novas possibilidades de existência, expressão e protagonismo. Mais do que aproximar gerações, a mesa propõe pensar sobre a continuidade do poder transformador da música.

A mesa acontece na programação da Flup no mesmo dia em que a festa recebe Kimberlé Crenshaw, professora da Columbia Law School e da UCLA School of Law, uma das principais referências mundiais nos estudos sobre interseccionalidade e antirracismo.

Crenshaw é cofundadora e diretora do African American Policy Forum e criadora, ao lado de outras ativistas, da campanha #SayHerName, voltada à documentação da violência policial contra mulheres negras nos Estados Unidos. Ela também apresenta o podcast Intersectionality Matters!, produzido pelo African American Policy Forum.

A Flup

A programação da 16ª da Festa ocorre de 23 a 27 de setembro, ocupando o Teatro Municipal Carlos Gomes, a Sala Guarani e a Praça Tiradentes, no Centro do Rio. Com o tema “As filhas das filhas das filhas”, esta edição segue a linha de mulheres negras a partir de Um defeito de cor, romance de Ana Maria Gonçalves, homenageada do ano.

A 16ª Flup é apresentada pelo Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura – Lei do ISS, e Shell, que é patrocinadora master, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. O apoio é da Fundação Ford, Hawthornden Foundation e British Council. Realização: Suave, Associação Na Nave, Ministério da Cultura.

“Na Shell, entendemos a cultura como uma ferramenta potente de impacto social positivo e reconhecemos no poder da parceria um caminho para ampliar vozes, conectar territórios e gerar transformação. Dentre nossos patrocínios culturais, temos orgulho de apoiar



Sobre a Shell

Desde 1913 no país, a Shell Brasil é uma companhia de energia integrada, com participação nos setores de Petróleo e Gás, Soluções Baseadas na Natureza, Pesquisa & Desenvolvimento e Trading, por meio da comercializadora Shell Energy Brasil. A companhia está presente ainda no segmento de Biocombustíveis por meio da joint-venture Raízen, que no Brasil também gerencia a distribuição de combustíveis da marca Shell. A Shell Brasil trabalha para atender à crescente demanda por energia de forma econômica, ambiental e socialmente responsável, avaliando tendências e cenários para responder ao desafio do futuro da energia.

Sobre a Semana de Arte do Rio

Entre os dias 16 e 27 de setembro de 2026, a primeira edição da Semana de Arte do Rio reunirá festivais de diferentes linguagens artísticas, além de exposições, intervenções urbanas e atividades culturais realizadas em equipamentos públicos e privados da região central da cidade. A programação reúne tanto projetos já consolidados na cena cultural carioca quanto festivais mais recentes, que refletem a diversidade e a produção artística contemporânea.

Concebida como uma plataforma continuada de integração de políticas culturais, a Semana de Arte do Rio articula cultura, turismo, desenvolvimento econômico e urbanismo em uma estratégia

a Flup, projeto que promove integração entre literatura, música, performance e território, criando conexões entre diferentes públicos, artistas e comunidades, além de fortalecer a diversidade de vozes presentes na produção cultural brasileira”, comenta Glauco Paiva, diretor de Comunicação e Marca da Shell Brasil.

SERVIÇO Festa Literária das Periferias (Flup) 2026 Datas: 23 a 27 de setembro Local: Teatro Municipal Carlos Gomes, Sala Guarani, Praça Tiradentes, s/n, Centro, Rio de Janeiro – RJ Entrada gratuita Instagram: @vempraflup Site: www.vempraflup.com.br

Confira a programação completa no site da Flup: www.vempraflup.com.br

Sobre a Flup

A Festa Literária das Periferias – Flup tem como missão propor outras experiências literárias e ampliar a circulação de vozes negras, periféricas, femininas e LGBTQIAPN+. Ao longo de 15 edições, o festival ocupou diferentes territórios do Rio de Janeiro promovendo encontros entre autores brasileiros e internacionais, formações artísticas, ações educativas e experiências culturais comunitárias. Reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, a Flup já publicou 40 livros, impactou milhares de estudantes da rede pública e se consolidou como uma das principais plataformas culturais do país voltadas à literatura e ao pensamento negro e periférico.

compartilhada da Prefeitura para fortalecer o ecossistema cultural da cidade. Ao integrar festivais, instituições culturais, artistas e agentes do setor em uma programação calendarizada, diversifica-

da e articulada, a iniciativa amplia o alcance das ações culturais, promove a ocupação qualificada dos espaços públicos e reforça a posição do Rio de Janeiro como referência nacional e internacio-

nal na produção artística contemporânea.

Durante doze dias, espaços culturais, museus, centros culturais, teatros, galerias e equipamentos públicos da região central rece-

berão uma programação integrada que valoriza o patrimônio material e imaterial da cidade, estimula a circulação de artistas e públicos e fortalece a economia da cultura.

'TRAÇANDO VERISSIMO' – EXPOSIÇÃO CELEBRA 90 ANOS DO MESTRE DO HUMOR BRASILEIRO

Luis Fernando Verissimo é homenageado em mostra no Centro Cultural FIESP que traz desenhos inéditos, originais e objetos pessoais, a partir de 24 de setembro

Pela primeira vez, uma exposição leva o público ao mundo secreto de um dos autores mais populares do país. Celebrando 90 anos de Luis Fernando Verissimo, o Centro Cultural FIESP, na Avenida Paulista, vai inaugurar, em 24 de setembro, a mostra **Traçando Verissimo – O mundo fabuloso do mestre do humor**, que reúne mais de 300 itens do mestre do humor brasileiro. Desenhos, charges, originais de livros, objetos pessoais, cadernos de anotações da infância, fotos de família até então guardadas no baú da sala em Porto Alegre integram o acervo que chega ao público em São Paulo.

Vamos traçar Verissimo, o autor que melhor escreveu sobre o trágico e o cômico da classe média brasileira, fazendo-nos rir de nós mesmos. Com instalações interativas reproduzindo personagens inesquecíveis do autor, como o Analista de Bagé e as Cobras, segmentos expositivos dedicados ao jazz, sua grande paixão, vídeos e depoimentos de artistas e escritores, a exposição nos convida a fazer um mergulho divertido pelas múltiplas facetas de Verissimo – que faleceu em 30 de agosto de 2025, e no próximo dia 26 de setembro completaria 90 anos. A editora e curadora Isa Pessoa, que editou os livros do autor por mais de 15 anos, parte dos anos de convivência e intimidade para criar essa exposição.

Para Tais Lara, diretora do Centro Cultural FIESP, a exposição convida o público a conhecer o universo criativo de Luis Fernando Verissimo, revelando facetas pouco conhecidas de um dos mais importantes nomes da literatura e do humor brasileiros. "Ao reunir desenhos, manuscritos, objetos pessoais e registros inéditos, a mostra celebra o legado multifacetado do autor e sua contribuição singular para a cultura nacional. Com essa

iniciativa, o Sesi-SP reafirma seu compromisso com a valorização da produção artística brasileira e com a ampliação do acesso à cultura para públicos diversos."

Escritor, jornalista, músico, humorista, desenhista, amado por milhões de leitores e respeitado pela crítica de qualquer matiz, Luis Fernando Verissimo tornou-se a melhor versão da chamada unanimidade inteligente, capaz de produzir obras-primas em todos os segmentos em que atuava. Foi cronista da história e da memória, com textos publicados nos mais importantes veículos de comunicação do país, ao longo de mais de 50 anos de trabalho. Culto, sutil, o escritor mais introspectivo do país se consagrou como um dos craques mais notáveis da nossa cultura.

SOBRE O SESI-SP

O Sesi-SP oferece atividades culturais gratuitas em linguagens como música, artes cênicas, artes visuais, audiovisual e difusão literária. Juntas, as atividades promovidas já alcançaram quase 20 milhões de pessoas. São 19 teatros, sete centros culturais, oito espaços de exposição, três estações de cultura, 95 núcleos para iniciação e formação de pessoas nas áreas de música, teatro, dança e circo, além de uma unidade móvel que percorre todo o estado. Em 2026, mais três teatros e três centros culturais devem ser inaugurados.

A entidade reforça seu compromisso de oferecer ao público uma programação diversa, contundente e sempre gratuita, alinhada aos aspectos sociais e artísticos da contemporaneidade. O Sesi-SP também atua na área de produção cultural, impulsionando a economia criativa e contribuindo para o aperfeiçoamento artístico. Em 2024, a instituição comemorou seis décadas de história, cultura e



inovação de um de seus mais importantes projetos de democratização do acesso à cultura: o Teatro do Sesi-SP, palco de espetáculos marcantes ao longo das últimas décadas.

SOBRE O CENTRO CULTURAL FIESP

A arquitetura moderna do edifício Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, sede da FIESP – que também abriga o Sesi, o SENAI São Paulo, o CIESP e o Instituto Roberto Simonsen (IRS) –, o torna ponto de referência no skyline da cidade e permite a realização de inúmeras atividades que integram o Centro Cultural FIESP à Avenida Paulista, incluindo a livre circulação em seu interior e o uso de espaços alternativos, como a área externa e o foyer do Teatro do Sesi-SP, para diferentes manifestações artísticas e culturais da sua programação diversificada. O Centro Cultural FIESP é um importante equipamento de acesso à cultura mantido pela indústria paulista e administrado pelo Sesi-SP; uma referência de qualidade e patrimônio cultural apreciado dos paulistanos. O Sesi-SP é uma instituição que trabalha pela educação, onde a cultura é parte fundamental. Todas as ações e projetos desenvolvidos pela instituição tem como

objetivo a formação de novos públicos em artes, a difusão e o acesso à cultura de forma gratuita, além da promoção da economia criativa nacional.

SERVIÇO: Traçando Verissimo – O mundo fabuloso do mestre do humor / **Centro Cultural FIESP** @ centroculturalfiesp.org.br | Avenida Paulista, 1.313, São Paulo/SP (em frente à estação Triunfo-Masp do metrô) / De 24 de setembro de 2026 a 28 de fevereiro de 2027 / Visitação: terça a domingo, 10h às 20h / Gratuito: não é necessário reservar ingresso / Classificação: livre

LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte dos nossos esforços por uma revista melhor. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

FIL - FESTIVAL INTERNACIONAL INTERCÂMBIO DE LINGUAGENS 2026

A Poética dos Imaginários leva ao CCBB espetáculos premiados, marionetes, artes digitais, música, cinema, ópera, circo e experiências imersivas de 17 a 27 de setembro

Reconhecido como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, o **Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens** chega à 23ª edição com espetáculos do Chile, Argentina, Espanha e de diversos estados brasileiros

O que pode nascer de uma bancada de madeira, um punhado de farinha, uma caixa impossível de abrir ou um mapa digital de Santiago? No FIL – Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens, a resposta está no imaginário e nas linguagens. Em sua 23ª edição, a programação ocupa o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB Rio), de 17 a 27 de setembro de 2026, com uma programação que aproxima teatro de formas animadas, marionetes, música, circo, ópera, cinema e artes digitais. Com o tema “A Poética dos Imaginários”, o FIL reúne artistas da Argentina, Chile e Espanha, além de representantes de diferentes estados brasileiros. O Fil é realizado pela Borogodó Empreendimentos Culturais, faz parte da programação da Semana de Arte do Rio, conta com o patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e parceria do Canal Curta.

Idealizado e dirigido por Karen Acioly, o FIL foi reconhecido em 2025 como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Ao longo de mais de duas décadas, o festival tornou-se também um espaço de formação de público e de encontro entre diferentes gerações e linguagens artísticas.

“O FIL, para além da programação, se reconhece como um território simbólico e um espaço de produção de sentidos, de encontros notáveis de partilha cultural, de sensibilização e de formação, onde o instante vivido se transforma em tempo poético; a experiência em memória, o imaginário como força criativa, viva de



O Incrível Ladrão de Calcinhas - Trip Teatro foto de Manuela Bertol

ressonância e repercussão da arte multicultural”, explica Karen Acioly.

Entre os destaques internacionais está “Reminiscência”, do chileno Malicho Vaca Valenzuela, que abre o festival no Teatro I. Criado a partir do confinamento provocado pela pandemia, o espetáculo mistura teatro documental e artes digitais para investigar memórias pessoais e coletivas de Santiago, passando por histórias familiares, amores, conflitos sociais e marcas das ditaduras. Um mapa digital transforma a cidade em território de lembranças — e levanta uma pergunta inquietante: o que restará de nós quando não estivermos mais aqui? A obra já foi premiada em diversos festivais internacionais.

A Espanha está representada por NIL, espetáculo premiado no Festival Titirijai. Marionetes de fio, um ator, artefatos eletrônicos, explosões e elementos que se constroem e se destroem compõem uma viagem poético-musical sobre os ciclos dos quais nem sempre conseguimos escapar. A imagem de uma pessoa tentando abrir uma caixa que parece impossível de decifrar transforma-se em metáfora



Batalha Oroboro - Pequeno Teatro do Mundo foto Lais Cupoli

para o enfrentamento de si mesmo.

Da Argentina vem “Con un kilo de harina”, vencedor do prêmio de Melhor Espetáculo de Objetos na FETEN 2022. Em cena, um único ator transforma farinha e utensílios de cozinha em imagens, personagens e paisagens para contar a trajetória de Giuseppe, jovem que migra para a Argentina em busca de um futuro melhor. Entre nostalgia, esperança e memória, a montagem percorre três gerações de uma família de migrantes e faz de uma simples bancada de madeira uma espécie de tela má-

gica. A obra é indicada para crianças a partir de 6 anos.

PROGRAMAÇÃO NACIONAL 30 anos d'O Passo em cena

Um dos momentos especiais desta edição é a celebração dos 30 anos d'O Passo no FIL – reencontros cênico-musicais, método brasileiro de educação musical criado por Lucas Ciavatta. A homenagem reúne integrantes de diferentes gerações.

O projeto terá dois momentos: o Guarnicê d'O Passo, na Rotunda do CCBB, com Lucas Ciavatta, Daniela Ferreira, Bela e Rosa Ciavatta, e o



Reencontro O Passo no FIL, resultado de um processo de criação coletiva com oito ex-integrantes dos grupos d'O Passo. Canções, palmas, movimento e percussão percorrem ritmos como Boi, Maracatu e Coco, em apresentações que também convidam o público a participar.

Criado no Brasil, O Passo é atualmente a única metodologia do Sul Global indicada pela Filarmônica de Paris, sendo utilizada em espaços que vão do Conservatório Nacional de Música de Paris a oficinas de percussão da Mangueira e do Salgueiro, universidades, institutos federais e escolas indígenas no Acre.

Marionetes para falar de envelhecimento, infância, rap e até um roubo de calcinhas

A programação nacional também aposta na capacidade das formas animadas de tratar de temas tão diversos quanto memória, envelhecimento,

identidade e humor.

Em **"Grande Circo Grandevo"**, de São Paulo, uma trupe de artistas circenses envelhecidos precisa reinventar seus números a partir das possibilidades e dos limites de seus próprios corpos. As marionetes transformam o envelhecimento em matéria de criação, humor e poesia.

Já **"Azul"**, do Rio de Janeiro, acompanha Violeta, uma menina de 4 anos que tenta encontrar maneiras de se conectar com o irmão, que vivencia o mundo de forma singular. A música torna-se ponte entre os dois em uma montagem que aborda o transtorno do espectro autista pelo olhar infantil. Vencedora do Prêmio APCA de Espetáculo do Ano e do Prêmio APTR de Melhor Espetáculo, a peça é indicada para crianças a partir de 4 anos.

Para o público jovem, **"Batalha Oroboro – rap"**, repente, resistência aproxima as ba-

talhas de rima do hip hop dos embates do repente nordestino. A partir do encontro entre Lyz, uma MC cega, e seu avô, poeta nordestino que migrou para São Paulo, o espetáculo conecta diferentes tempos e tradições da poesia oral.

E há espaço também para o humor mais irreverente. Em **"O Incrível Ladrão de Calcinhas"**, o detetive Bill Flecha recebe uma cliente que teve sua peça íntima roubada. O que parecia um crime banal rapidamente se transforma em uma trama noir cheia de suspeitos, crimes e becos escuros.

De Santa Catarina vem ainda **"O Velho Lobo do Mar"**, aventura de marionetes em que Charlie, perdido em uma ilha no Atlântico, enfrenta situações inusitadas em busca de alimento, tesouro e até amizade com uma orca. Kasperl e a Cerveja do Papa, também catarinense, aposta no humor ao colocar um frei bebedor,

um mosteiro e a visita do Papa no centro de uma confusão envolvendo o melhor barril de cerveja da região.

Arte digital para atravessar outros mundos

A tecnologia ganha espaço em Multimundos FIL, experiência que reúne seis propostas imersivas de artistas das artes digitais e convida o público a atravessar universos em que arte, tecnologia, imagem, corpo e percepção se misturam.

Entre elas estão **"Raízes Cósmicas"**, de Crisia e Plínio Hit, que conduz o público por um universo onírico ligado às energias femininas e à natureza; **"Astronauta Patrusko"**, de Nilton Mendonça, sobre um astronauta brasileiro que desembarca em Marte; e **"Nova Fronteira"**, de Dario Melo Maciel, em que um anjo chamado Maria é acordado para receber um presente de aniversário.

O festival também apresenta a Mostra de Curtas Ibero-Americanos, em parceria com o IberCultura Viva, reunindo produções de diferentes países sobre infâncias e mundos contemporâneos, com bate-papos entre público e realizadores. A programação cinematográfica inclui ainda uma mostra dedicada à infância do cineasta mineiro Alan Minas, com obras como *A Família Dioni* e *A Língua das Coisas*.

Ópera, canto e encontros

A música aparece também em Coro na Roda canta e dança Cosme e Damião, experiência coletiva que transforma voz, escuta e musicalidade em espaço de convivência entre diferentes gerações.

Outra atração é Larilá, experiência de leitura musicada de uma ópera para crianças, com libreto de Karen Acioly e partitura original de Arrigo Barnabé. A história acompanha Larilá, uma vendedora de mariolas, e seu irmão João em um encontro com um autor de livros infantis. O livro será lançado durante o festival.

A programação se estende ainda para a formação e a reflexão, com Seminário de Literatura Infantil e Dramaturgia, em parceria com o NELIJ/



UERJ; Colóquio Internacional de Marionetes e Formas Animadas, reunindo representantes de festivais do Brasil, Chile, Portugal, Espanha e Argentina; e uma oficina para profissionais conduzida pelo reconhecido marionetista argentino Fernan Cardama.

Uma característica atravessa toda a programação: os espetáculos do FIL são seguidos de bate-papos com os artistas, aproximando espectadores dos processos de criação e ampliando a experiência para além da cena.

Ao reunir artistas de diferentes países, gerações e linguagens, o FIL reafirma sua vocação de criar encontros. No festival, uma marionete pode virar personagem, uma tela pode virar memória, uma bancada pode virar paisagem e uma experiência digital pode abrir uma porta para outro mundo. É nessa passagem entre aquilo que se vê e aquilo que se imagina que se constrói a poética do FIL.

Atividades formativas e mediação cultural

O projeto Observadores FIL, em parceria com a Escola de Comunicação da UFRJ, convida estudantes de jornalismo a vivenciar e registrar o festival.

“A poética dos imaginários do FIL parte da compreensão de que nenhuma linguagem existe isoladamente: uma linguagem traz muitas outras dentro dela. Uma imagem pode despertar um som, um gesto pode abrir uma narrativa, uma palavra pode provocar uma memória e criar novos mundos”, define Karen Acioly, que completa: “É quando começamos a imaginar a partir do que vemos, participamos e vivenciamos; quando fazemos parte de uma criação e somos convidados a inventar novos sentidos para aquilo que se apresenta.”

Karen Acioly

Inventora, diretora geral e curadora do FIL - Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens

Dramaturga, Pesquisadora, Curadora, Diretora e Roteirista. Autora de livros



infantis, textos teatrais, roteiros, libretos e um monte de outros escritos. Doutora e Mestre em Educação (UFF), Mestre em Mídias Criativas (UFRJ) e Maîtrise em Études Théâtrales (Sorbonne Nouvelle - Paris 3), especialista em artes multidisciplinares criativas, com ênfase em artes cênicas, visuais, audiovisuais e digitais para novos públicos. Recebeu diversos prêmios em literatura e teatro. Cofundadora da Red Internacional Cultura Infância, da Rede FIBRA (Festivais Internacionais Brasileiros para Crianças e jovens), do Grupo Nacional Cultura Infância e criadora, diretora geral e curadora do FIL - Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens, que foi reconhecido como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro em 2025.

FIL - Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens em parceria com a 1ª Edição Semana de Arte do Rio

Entre os dias 16 e 27 de setembro de 2026, a primeira edição da Semana de Arte do Rio reunirá festivais de diferentes linguagens artísticas, além de exposições, intervenções urbanas e atividades culturais realizadas em equipamentos públicos e privados da região central da cidade. A programação reúne tanto projetos já consolidados na cena cultural carioca quanto festivais mais recentes, que refletem a diversidade e a produção artística contemporânea.

Concebida como uma plataforma continuada de integração de políticas culturais,

a Semana de Arte do Rio articula cultura, turismo, desenvolvimento econômico e urbanismo em uma estratégia compartilhada da Prefeitura para fortalecer o ecossistema cultural da cidade. Ao integrar festivais, instituições culturais, artistas e agentes do setor em uma programação calendarizada, diversificada e articulada, a iniciativa amplia o alcance das ações culturais, promove a ocupação qualificada dos espaços públicos e reforça a posição do Rio de Janeiro como referência nacional e internacional na produção artística contemporânea.

Durante doze dias, espaços culturais, museus, centros culturais, teatros, galerias e equipamentos públicos da região central receberão uma programação integrada que valoriza o patrimônio material e imaterial da cidade, estimula a circulação de artistas e públicos e fortalece a economia da cultura.

Siga o FIL na redes: [instagram.com/filfestival](https://www.instagram.com/filfestival) | [facebook.com/FestivalFIL](https://www.facebook.com/FestivalFIL) | [youtube.com/@FILFestival](https://www.youtube.com/@FILFestival) Patrocínio: Prefeitura do Rio - Secretaria Municipal de Cultura Realização: Borogodó Empreendimentos Culturais e Banco do Brasil

Serviço: FIL - Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens – A Poética dos Imaginários / De 17 a 27 de setembro de 2026 / Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB Rio) Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro/RJ / Classificação indicativa: de acordo com cada espetáculo / Cinema - entrada gratuita - Re-

tire seu ingresso na bilheteria no site bb.com.br/cultura / Rotunda - livre acesso aos passantes e público interessado em geral / Sala 26 + auditório do 4º andar - entrada gratuita (com senha e inscrições através da Sympla) / Teatros I, II e III - Ingressos a preços populares (inteira R\$30,00 / meia R\$ 15,00) Mais informações em bb.com.br/cultura Programação completa: www.fil.art.br



MULHERES NA CIÊNCIA E IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:

CONFIRA DESTAQUES DAS EXPOSIÇÕES DO SESC NA CAPITAL E INTERIOR EM SETEMBRO

“Nós – Arte e Ciência por Mulheres”, que abre em 12 de setembro no Sesc Casa Verde, aborda a contribuição das mulheres para a produção do conhecimento; No CineSesc, uma ambientação inspirada nos cinemas de rua convida o público a uma viagem pela memória cinematográfica da cidade

As unidades do Sesc na capital e no interior paulista oferecem uma programação cultural gratuita e diversificada, com exposições de arte contemporânea, fotografia, instalações imersivas, experiências participativas e uma homenagem aos cinemas de rua. Entre os destaques está a abertura de Nós – Arte e Ciência por Mulheres, em 12 de setembro, no Sesc Casa Verde. A mostra reúne trabalhos artísticos, registros históricos e peças de acervos científicos que evidenciam a contribuição das mulheres para a produção do conhecimento.

Na capital, o Sesc apresenta exposições que abordam tecnologia, identidade, memória e cultura brasileira. No Sesc 24 de Maio, O Mundo Através da IA propõe uma análise crítica dos impactos



Imagem de uma das seções da mostra “Delírio Tropical - Recanto” no Sesc Pinheiros. Foto Nilton Fukuda



Imagem de seção da exposição Constelação Celestina, no Sesc Bauri. Foto Mirele Ribeiro

sociais, ambientais e históricos da inteligência artificial; no Sesc Pinheiros, Delírio Tropical – Recanto reúne cerca de 280 obras representativas da diversidade artística do país.

Há duas exposições já em reta final na capital: Ofício: Luz – Lita Cerqueira: Direito de Olhar, com trabalhos inéditos da fotógrafa baiana no Sesc Pompeia, em cartaz até 13 de setembro; e Mire Veja: MAM São Paulo visita Sesc Bom Retiro, com cerca de 50 obras dos acervos das duas instituições, que o público pode visitar até 27 de setembro.

No interior, a programação reúne importantes mostras de arte contemporânea e cultura afro-brasileira. O Sesc Rio Preto recebe um recorte da 36ª Bienal de São Paulo, enquanto o Sesc Franca apresenta Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro, com cerca de 85 obras. Em Bauri, Constelação Celestina registra o samba, os cortiços e outras manifestações da cultura afro-brasileira; e, em Ribeirão Preto, a instalação participativa Floresta Interior convida crianças e adultos a transformar sonhos em paisagens compartilhadas.

CONFIRA MAIS DETALHES DAS EXPOSIÇÕES EM CARTAZ NO SESC SÃO PAULO

A exposição Nós – Arte e Ciência por Mulheres, no Sesc Casa Verde, reúne trabalhos artísticos, registros históricos, fósseis e peças de acervos científicos para destacar a contribuição feminina à produção do conhecimento. Ao revisitar trajetórias de cientistas e artistas de diferentes origens, a mostra questiona o apagamento histórico de suas descobertas e estabelece diálogos entre arte, arqueologia, medicina, astronomia, tecnologia, práticas de cura, conhecimentos indígenas e debates sobre gênero e sexualidade.

A montagem oferece experiências participativas e destaca trajetórias de pesquisadoras como Bertha Lutz, Rosalind Franklin, Niède Guidon, Nise da Silveira e Jaqueline Goes. A exposição fica em cartaz de 12 de setembro de 2026 a 31 de janeiro de 2027 e conta com programação paralela.

O Mundo Através da IA (Le



Obra “Pequenas Tarefas Diárias” (2020), de Thatiana Cardoso. Crédito imagem cedida pela artista

Monde selon l’IA), no Sesc 24 de Maio, apresenta uma leitura crítica sobre a história e os impactos da inteligência artificial. Concebida pelo centro de arte parisiense Jeu de Paume e com curadoria de Antonio Somaini, a exposição reúne cerca de 70 obras de 29 artistas de 15 países, distribuídas em oito seções temáticas que abordam

as infraestruturas invisíveis da IA, seus impactos ambientais, as relações com o mundo do trabalho e as heranças coloniais presentes nos algoritmos.

A versão paulistana incorpora sete cápsulas do tempo produzidas exclusivamente para a cidade por uma equipe curatorial brasileira, que relacionam a história da

inteligência artificial a episódios da história, da arte e da cultura do Brasil. Entre os destaques estão obras de artistas como Giselle Beiguelman, Bruno Moreschi, Pedro Gallego, Mayara Ferrão, Kate Crawford e Vladan Joler, que discutem temas como vigilância, exploração do trabalho, crise ambiental e classificação de corpos, convidando o público a refletir sobre as tecnologias que moldam a sociedade contemporânea.

No Sesc Pinheiros, Delírio Tropical – Recanto apresenta um amplo panorama da produção artística brasileira contemporânea. Com cerca de 280 obras de mais de 130 artistas de todas as regiões do país, a exposição traz fotografias, vídeos, pinturas, esculturas, instalações, publicações e objetos para construir um mosaico das múltiplas identidades, territórios e imaginários brasileiros.

O percurso convida o público a refletir sobre memória, território, mídia e representação com trabalhos de Anna Maria Maiolino, Cildo Meireles, Claudia Andujar, Denilson Baniwa, Ayrson Heráclito, Karim Ainouz e Rosângela Rennó.

No centro da capital, o **Sesc Bom Retiro recebe a mostra Mire Veja: MAM São Paulo visita Sesc Bom Retiro**, resultado de uma parceria com o Museu de Arte Moderna de São Paulo. O público pode conferir cerca de 50 obras dos acervos das duas instituições - a curadoria propõe uma reflexão sobre diferentes formas de preservar, compartilhar e experimentar a arte.

No **Sesc Pompeia, Ofício: Luz** é dedicada à fotógrafa baiana Lita Cerqueira em São Paulo. As obras contam cerca de cinco décadas da produção de uma das pioneiras da fotografia negra brasileira, com registros da cultura afro-brasileira, do Cinema Novo, do Tropicalismo e de importantes manifestações populares da Bahia.

A **ambientação Cinemas de Rua - Da Augusta à Cinelândia Paulistana, em cartaz no hall do CineSesc**, convida a população para revisitar a memória dos antigos cinemas de rua que marcaram a vida cultural de São Paulo, por meio de uma cenografia inédita, com fachada inspirada nas salas de exibição, letreiro em neon, pôsteres artísticos, objetos históricos e um grande mapa que conecta a Rua Augusta à antiga Cinelândia.

EXPOSIÇÕES NO INTERIOR DE SÃO PAULO

A Fundação Bial de São Paulo e o Sesc São Paulo apresentam a 36ª Bial de São Paulo – **Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática no Sesc Rio Preto**. Com curadoria de Thiago de Paula Souza, a exposição reúne obras de oito artistas e coletivos, Akinbode Akinbiyi, Andrew Roberts, Ernest Cole, Helena Uambembe, Vilanismo, Josêfa Ntjam, Ming Smith e Sharon Hayes, em um recorte que dialoga com as características da unidade e propõe novas leituras sobre os temas abordados pela Bial.

A seleção apresenta fotografias, vídeos, instalações e outras

linguagens que abordam questões como memória, identidade, deslocamentos, pertencimento e as múltiplas formas de experiência da humanidade contemporânea. A mostra busca estabelecer uma relação direta com a arquitetura da unidade e com o cotidiano de seus frequen-

tores.

Com uma montagem inédita que aproxima a ampla produção da arte negra brasileira da história e memória do município, a exposição **Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro**, no Sesc Franca, reúne cerca de 85 obras de artistas de diferentes



Reprodução da obra *Tatá Piriri*, de Xadalu Tupã Jekupé na exposição “Mire Veja MAM São Paulo visita Sesc Bom Retiro”. Foto divulgação

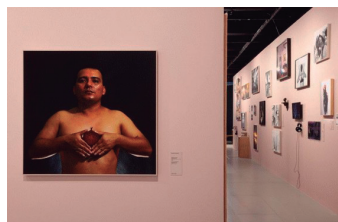


Imagem de uma das seções da mostra *Delírio Tropical*. Foto Nilton Fukuda



Revistas em exposição no Cine Sesc. Foto Fernando Cavalcanti



Reprodução de imagem de Gilberto Gil e seus pais na mostra *Ofício Luz*, no Sesc Pompeia. Foto Lita Cerqueira

SERVIÇO (Capital)

Sesc Casa Verde / Nós – Arte e Ciência por Mulheres / 12 de setembro de 2026 a 31 de janeiro de 2027

Sesc 24 de Maio / O Mundo Através da IA (Le Monde selon l'IA) / De 6 de agosto a 29 de novembro de 2026

Sesc Bom Retiro / Mire Veja: MAM São Paulo visita Sesc Bom Retiro / Até 27 de setembro de 2026

Sesc Pinheiros / Delírio Tropical – Recanto / Até 12 de outubro de 2026

Sesc Pompeia / Ofício: Luz – Lita Cerqueira: Direito de Olhar / Até 11 de setembro de 2026

CineSesc / Cinemas de Rua – Da Augusta à Cinelândia Paulistana / De 9 de julho de 2026 até

SERVIÇO (Interior)

Sesc Bauru / Constelação Celestina / Até 31 de janeiro de 2027

Sesc Franca / Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro / De 19 de agosto até 31 de janeiro de 2026

Sesc Ribeirão Preto / Floresta Interior / De 6 de agosto de 2026 a 28 de fevereiro de 2027

Sesc São José do Rio Preto / 36ª Bial de São Paulo – Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática / 18 de agosto a 15 de novembro de 2026

Entrada gratuita / Classificação livre / Informações: sescsp.org.br

gerações e linguagens, em um percurso que evidencia a diversidade de experiências, saberes e narrativas negras, ao mesmo tempo em que estabelece conexões com personalidades como Abdias Nascimento, Isa do Rosário e Carlos de Assumpção, cujas trajetórias dialogam com a cidade.

Distribuída em sete núcleos temáticos, a mostra convida o público a refletir sobre identidade, ancestralidade, organização coletiva e resistência, questionar critérios que historicamente definiram quais produções artísticas seriam reconhecidas no Brasil. A edição de Franca incorpora novas obras do Acervo Sesc de Arte.

O **Sesc Bauru apresenta Constelação Celestina, do fotógrafo Wagner Celestino**. A mostra reúne 90 fotografias em preto e branco, 12 estandartes têxteis e objetos utilizados pelo artista ao longo de sua trajetória em um amplo registro documental sobre a velha guarda das escolas de samba paulistanas, as baianas, os cortiços e diferentes manifestações da cultura afro-brasileira.

A versão apresentada em Bauru possui configuração inédita e incorpora uma grande instalação na fachada da unidade. A programação educativa amplia o diálogo com a exposição por meio de visitas mediadas, formação de professores e ações voltadas às relações entre memória, samba, patrimônio cultural e combate ao racismo.

No **Sesc Ribeirão Preto, a exposição Floresta Interior, do artista e educador Gui Teixeira**, convida crianças e adultos a transformar sonhos em paisagens compartilhadas. Com curadoria de Lucila de Jesus, a instalação parte da pergunta “e se os sonhos fossem uma floresta dentro de nós?” para criar uma experiência construída coletivamente pelos visitantes.

Dividida em três ambientes — Construir, Compartilhar e Sonhar —, a exposição reúne mesas para criação, jogos de sombras, espaços de descanso e ambientes dedicados à troca de relatos oníricos. A experiência extrapola a galeria e ocupa também áreas externas da unidade com intervenções sonoras e ações participativas.

VLADIMIR BRICHTA ESTREIA O MENOR PALCO DO MUNDO NO DIA 10 DE OUTUBRO NO TEATRO VIVO

A história real do premiado autor australiano Kim Crotty aborda a paternidade por meio de temas como presença, ausência, afeto e reparação dos vínculos. A montagem propõe uma reflexão sensível sobre os laços familiares e sobre as histórias que contamos para permanecer próximos daqueles que amamos

Histórias podem transmitir valores, nos conectar e, às vezes, nos ajudam a atravessar momentos difíceis das nossas vidas. Em *O Menor Palco do Mundo*, primeiro solo do ator Vladimir Brichta @vladimirbrichtaoficial, contar histórias torna-se uma forma de enfrentar a distância e preservar vínculos. O espetáculo sobre paternidade, afeto e imaginação tem sua temporada de estreia no Teatro Vivo @teatrovivosp, de 10 a 31 de outubro, com sessões às sextas e aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 18h.

O *O Menor Palco do Mundo* parte do texto do premiado autor australiano Kim Crotty e tem dramaturgia de Luiz Felipe Reis e Paula Picarelli. A direção é de Luiz Felipe Reis e a idealização do projeto é de Aura Cunha e Paula Picarelli.

A peça conta a história real do autor australiano, um pai que, após cometer um erro e ser preso, precisa encontrar uma maneira de permanecer próximo dos filhos. Da prisão, Kim Crotty começa a inventar narrativas e enviá-las às crianças por cartas. O que nasce como um gesto de desespero transforma-se em um exercício de amor e imaginação: pela palavra e pela fantasia, ele tenta vencer a distância e reconstruir os laços com os filhos.

As idealizadoras Aura Cunha e Paula Picarelli contam “há algum tempo, estávamos procurando um texto que tivéssemos vontade de montar, até que a Paula leu uma matéria sobre a obra de Kim Crotty. O que nos mobilizou de imediato foi a possibilidade de falar sobre paternidade e, principalmente, sobre essa

distância que muitas vezes existe entre os homens e seus filhos — uma distância que não é apenas física, mas também emocional. A peça toca na dificuldade que muitos homens têm de lidar com os próprios sentimentos, de estabelecer vínculos e de se colocar emocionalmente disponíveis para os filhos”.

Este é o primeiro espetáculo solo encenado pelo ator Vladimir Brichta. “Tem coisas que só arte é capaz, como encurtar os espaços via afetos. Estive minha vida toda do outro lado do mundo dos australianos, imaginando, assistindo, vendo de sua cultura. Tive uma filha que visitou o país e sonhei em ter a mesma sorte um dia. Fui aconselhado pela minha agente a não estimular os filhos a irem viver na Austrália. Os filhos dela viveram lá e um deles casou e morou durante anos, para sofrimento dela por conta da saudade e da distância. Eis que já reverberava aí a peça de Kim Crotty, a nossa peça”.

“Fui tocado de imediato pela premissa do espetáculo, um homem, um pai, que comete um erro e precisa pagar por ele. Mas o preço não contabilizado é a distância dos filhos que tanto ama e também uma reflexão profunda sobre paternidade e amor, sob o signo da dor da distância, mas também do lúdico do diálogo e da conexão com nossos filhos quando pequenos”.

“Um relato tão pessoal e comovente como o de Kim só faria sentido aqui, do outro lado do mundo, se também permeado por alguma pessoalidade de quem a conta, com as particularidades de se viver no Brasil. Estou muito feliz de trazer aos palcos um relato tão afetivo de Kim Crotty e igualmente feliz de diminuir a distância geográfica em nome de algo universal como amor e paternidade”, conta o ator.

O diretor Luiz Felipe Reis conta que “O menor palco do mundo é, para mim, aquilo que todo humano carrega em

si, em seu corpo e subjetividade, desde tempos imemoriais: este nosso pequeno palco-teatro interior, repleto de vísceras, pensamentos e emoções, em que buscamos metabolizar e elaborar o que vivemos nesse imensurável teatro da vida em que estamos imersos, com todos os seus mistérios e revelações, assombro e encantamento”.

“A peça é, por tudo isso, um conjunto de elaborações que ocorre a partir de um improvável encontro cênico entre um autor australiano e um ator brasileiro. Pais que precisam lidar, por diferentes razões, com a distância em relação a seus filhos, e a partir daí enfrentam a própria solidão, isolamento, a saudade, o vazio, a fragilidade e a impotência diante de acontecimentos menores ou maiores, até o ponto inevitável, sem escape, em que precisam olhar e adentrar o teatro das suas próprias vidas, olhar sem desvios pras suas próprias histórias, escolhas e crenças em busca, quem sabe, de uma possível transformação.”, conclui Luiz Felipe Reis.

A peça também propõe uma reflexão sobre os modelos de homem que transmitimos de uma geração a outra. A partir das histórias que contamos aos meninos desde cedo, seus heróis, aventuras e exemplos de coragem, o espetáculo investiga uma cultura que muitas vezes associa o masculino à força e à invulnerabilidade, deixando pouco espaço para a expressão do medo, da fragilidade e do afeto.

O espetáculo original, *THE SMALLEST STAGE*, de Kim Crotty, foi produzido pelo BREC, coproduzido pelo Festival de Perth e ganhou a co-ibizada categoria de MELHOR PRODUÇÃO DE PALCO PRINCIPAL no Performing Arts*.

Sinopse: Primeiro espetáculo solo do ator Vladimir Brichta, “O Menor Palco do Mundo” parte do texto do premiado autor australiano Kim Crotty.



A história real aborda a paternidade por meio de temas como presença, ausência, afeto e reparação dos vínculos. A montagem propõe uma reflexão sensível sobre os laços familiares e sobre as histórias que contamos para permanecer próximos daqueles que amamos.

Vivo Cultura: Considerada uma das principais marcas apoiadoras da cultura no Brasil, a Vivo investe nas artes visuais, cênicas e na música para ampliar e democratizar o acesso dos brasileiros à cultura.

Ficha Técnica Elenco: Vladimir Brichta / Texto: Kim Crotty / Dramaturgia: Luiz Felipe Reis e Paula Picarelli (a partir do texto de Kim Crotty) / Direção: Luiz Felipe Reis / Produção executiva: Vini Silveira e Yumi Ogino / Idealização e Direção de Produção: Aura Cunha (Elephante Produções) e Paula Picarelli (Frey Produções) / Realização: Cachalote Produções

Serviço: O Menor Palco do Mundo, com Vladimir Brichta / De: 10 a 31 de outubro de 2026 / Às sextas e aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 18h / **TEATRO VIVO** - Av. Chucuri Zaidan, 2460 - Morumbi - São Paulo/SP - 04583-110 / Ingressos: R\$150 (inteira), R\$75 (meia-entrada), R\$50 (ingressos populares - inteira) e R\$25 (ingressos populares - meia-entrada) / Vendas online em <https://bileto.sympla.com.br/event/126035/d/409541/s/2668902> / Bilheteria: (11) 3430-1524 - Horário de funcionamento da bilheteria: 2h antes da apresentação / 80 minutos / 14 anos / 274 lugares / Sessões com interpretação em Libras e Audiodescrição nos dias: 10, 11, 16, 17, 18, 23, 24, 30 e 31. / A temporada de 10 a 31 de outubro será realizada através da Lei Rouanet do Ministério da Cultura e conta com o patrocínio da Vivo.

COLETIVO ÓPERA URBE COMPLETA 10 ANOS COM ESPETÁCULO ATRAVESSADO POR DIVERSIDADES NO CCSP

Em “Cardíaco Cardinal – Um Poema Cênico”, o coletivo reúne teatro, música ao vivo, dança e projeções em uma narrativa sobre identidade, pertencimento, amor, medo, criação e liberdade, com temporada gratuita no Espaço Cênico Ademar Guerra do CCSP

Combinando teatro, música executada ao vivo, dança e projeções visuais em uma história que acompanha uma pessoa desde o nascimento até a vida adulta, o Coletivo Ópera Urbe @coletivooperaurbe completa 10 anos com um novo trabalho, *Cardíaco Cardinal – Um Poema Cênico*, que estreia em 16 de setembro, às 19h30, no Espaço Cênico Ademar Guerra do Centro Cultural São Paulo (CCSP) @ccspoficial. Com direção de Marcos Damigo e dramaturgia, músicas e direção musical assinadas por Carlos Zimbher, a obra é construída entre memórias, descobertas, desejos, perdas e experiências com a arte, abordando temas como identidade, pertencimento e amor. A temporada é gratuita e conta com sessões de quarta a sábado, às 19h30 (sábados, sessão

extra também às 17h30) e aos domingos, às 18h30, até 27 de setembro.

A trama é um relato ficcional construído em quadros musicais e poéticos e acompanha a trajetória de um indivíduo desde o nascimento, durante o êxodo de seus pais, passando pela infância, pela descoberta da sexualidade, pelo encontro transformador com a arte, pelas perdas que marcam a vida adulta e pelo difícil processo de amadurecimento. O espetáculo convida o público a percorrer uma paisagem afetiva onde memória, sonho, desejo e identidade se entrelaçam.

O elenco é formado por Kaique Theodoro, Legina Leandro, Madá Rocco, Tricka Carvalho e Warner Borges, com música ao vivo executada por Juma Passa, Vênus Garland e o autor Carlos Zimbher. A criação reúne artistas de diferentes gerações, trajetórias e identidades, reafirmando um dos princípios do Coletivo Ópera Urbe: a diversidade como força criativa e elemento estruturante da cena. A pro-



posta se reflete tanto na composição do elenco e da equipe quanto na própria trajetória do coletivo, que, ao longo de dez anos, vem desenvolvendo uma pesquisa baseada na pluralidade de corpos, experiências e perspectivas.

Para a criação, Damigo ressalta que a ideia é criar uma experiência sensorial em que cenário, figurino, imagens e movimento ampliem aquilo que nasce da dramaturgia. “A encenação parte da natureza poética e subjetiva do texto e busca expandir esse universo pelo corpo, pela música e pelas visualidades. As projeções dialogam com referências da cultura brasileira dos anos 1960 e 1970, especialmente a contracultura, as artes visuais, Secos & Molhados e a poesia concreta. A ideia é brincar também com a palavra projetada, explorando como sua forma pode interferir no sentido, ao mesmo tempo em que imagens e depoimentos ajudam a construir esse universo e a criar um espelho para as experiências do público”.

A concepção visual integra cenário e figurino a partir de

materiais descartados e objetos não convencionais, reconfigurados para assumir novas funções em cena. A proposta prevê que roupas, adereços e elementos cenográficos se misturem, criando uma estrutura visual em constante transformação. A cenografia é assinada por Andreas Guimarães, o figurino por Vi Silva, o desenho de luz por Matheus Brant e as projeções por Santo Bezerra.

A música ocupa lugar central em *Cardíaco Cardinal – Um Poema Cênico*, com as canções acompanhando diferentes momentos da trajetória do personagem retratado na obra. Originalmente composta para o espetáculo e executada ao vivo, a trilha se integra à dramaturgia e ao trabalho dos atores, reunindo bateria, guitarra, baixo, viola caipira, teclado, elementos eletrônicos e vozes. Entre as canções estão Todos os Sexos, Faíscas Afáveis, Arrazoadado, Pulsar, A Mulher dos Meus Sonhos, Recalque, Achados e Perdidos, Flanando e Desatar.

“Tenho chamado essa escrita de canção dramatúrgica. A





música e o texto se misturam, vão juntos e um contamina o outro. Às vezes, a música vem primeiro e, a partir dela, nasce o texto; em outras situações, acontece o contrário. As composições atravessam temas como a descoberta dos sexos e das identidades, o encontro com a arte, o desejo, as experiências e relações, a repressão, as perdas e a tentativa de viver sem amarras”, conta Zimbher.

A passagem da rua para a sala fechada marca uma nova etapa na trajetória do Coletivo Ópera Urbe. Depois de trabalhos voltados aos conflitos sociais vividos coletivamente no espaço urbano, a nova montagem desloca a pesquisa para um território mais íntimo. No Espaço Cênico Ademar Guerra, conhecido como “Porão” do CCSP, a própria arquitetura favorece uma relação mais próxima entre cena e público, criando condições para uma experiência mais imersiva.

Coletivo Ópera Urbe

Reúne artistas e técnicos que, desde 2014 (Estreia do primeiro espetáculo foi em 2016), desenvolvem uma pesquisa continuada sobre teatro, música e espaço urbano. Ao longo de mais de uma década de atuação, consolidou uma linguagem própria que articula dramaturgia original, música executada ao vivo, visualidades e uma forte dimensão político-poética.

Seus espetáculos partem de questões urgentes da sociedade contemporânea — violência de Estado, racismo, LGBTQIAPN+fobia, intolerância religiosa, desigualdades sociais e direitos humanos — transformando a cena em um espaço de encontro, reflexão e experiência estética. A diversidade

de corpos, identidades, gerações e trajetórias que compõem o grupo é um princípio artístico e ético. Pessoas trans, travestis, não binárias, negras, brancas e cis integram os processos de criação, ampliando os pontos de vista e fortalecendo uma produção comprometida com a pluralidade de vozes.

Depois de estreiar os dois primeiros espetáculos da trilogia Ópera Urbe (Peste Contemporânea e Política Cínica) em praças e espaços públicos, o coletivo inicia uma nova etapa de sua pesquisa com *Cardíaco Cardinal – Um Poema Cênico*, sua primeira criação concebida para espaços fechados, e *Bayo e o sonho*, a primeira montagem do grupo voltada para as infâncias. Mais do que produzir espetáculos, o ÓPERA URBE investiga formas de aproximar arte e sociedade, entendendo o teatro como lugar de escuta, convivência e transformação.

Sinopse: A trama percorre, por meio de quadros musicais e poéticos, vivências que vão do nascimento à infância, da descoberta dos desejos ao encontro transformador com a arte. Nesse percurso, também emergem os desafios que atravessam vidas e corpos dissidentes.

Ficha Técnica: Realização – Coletivo Ópera Urbe. Direção – Marcos Damigo. Texto, Músicas e Direção Musical – Carlos Zimbher. Direção De Produção – Vi Silva. Elenco – Kaique Theodoro, Legina Leandro, Madá Rocco, Tricka Carvalho e Warner Borges. Musicistas – Juma Passa e Vênus Garland. Produção Executiva – Giulia Lira. Ass. De Produção – Sofia Augusto. Produção Administrativa – Gustavo Sanna

SERVIÇO: Centro Cultural São Paulo - CCSP - (Espaço cênico Ademar Guerra) (Porão) Rua Vergueiro, 1000 – Paraíso/SP. De 16 a 27 de setembro de 2026. De



quarta a sábado, às 19h30 (Sábados sessão extra também às 17h30) e domingo, às 18h30. Capacidade: 100 lugares. Duração:

60 minutos. Classe indicativa: Livre. Ingresso: Grátis (Sujeito à lotação). Distribuição por ordem de chegada)

Boa revista literária se faz com livros, mas principalmente com as editoras que os produzem!

...e as melhores estão conosco....

Confira em nossas edições paginaleste.wordpress.com

LACRÉ
Literatura, arte, cultura & records



*... Não para
não! Quinzena
que vem tem
mais LacrE.
Leia, se gostar,
mande em
frente...*

Com sua ajuda financeira,
poderemos financiar parte das
nossas atividades e investir ainda
mais na revista e na qualidade
dos nossos produtos e serviços.

Qualquer contribuição é bem-
vinda.

Use a chave pix:

laczine@gmail.com.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

e-mail:

paginaleste@hotmail.com

laczine@hotmail.com

